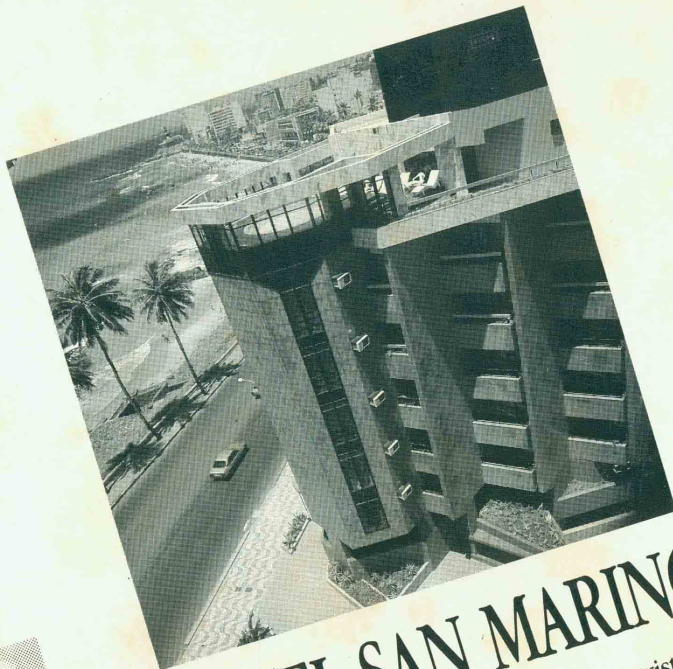


FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

22





HOTEL SAN MARINO

Localizado na Barra, bairro de Salvador, com vista para o mar, o San Marino oferece serviço personalizado e todas as facilidades, inclusive bons restaurantes, além de estar a 3 minutos de um Shopping Center da cidade. Nossas 30 suítes e 33 apartamentos são todos equipados com: telefone - Frigobar - Ar Condicionado - TV.

In a privileged position overlooking the sea in Salvador's chiquest area "BARRA", the San Marino offers personalized service and all the facilities including good restaurants and the shopping center in town at a 3 minute walk. We offer 30 suites and 33 rooms all equipped with: Telephone - Frigobar - Air Conditioning and TV.



HOTEL SAN MARCO

Localizado entre o mar e o Centro de Convenções, com luxuosa decoração e todas as comodidades, com 70 apartamentos com vista para o mar, equipados com: TV - Ar Condicionado - Telefone - Frigobar, o San Marco oferece ainda uma área de lazer com: piscina - quadras poliesportivas - parque para crianças.

70 room all with sea view and in a unique position between the sea and the convention center, luxuriously decorated e all comodities each room is equiped with: TV - Air conditioning - Telephone - Frigobar, the San Marco offers good area with: Swimming - pool - polysport complex childrens park etc.

**FOR FURTHER INFORMATION
PLEASE CONTACTUS:**

Tel.: (071) 235-4363
Tele: 760180-
Fax: (071) 241-4870
Special Packages and dates can be arranged with
the direction who will have pleasure in helping you.
English - French - German - Italian

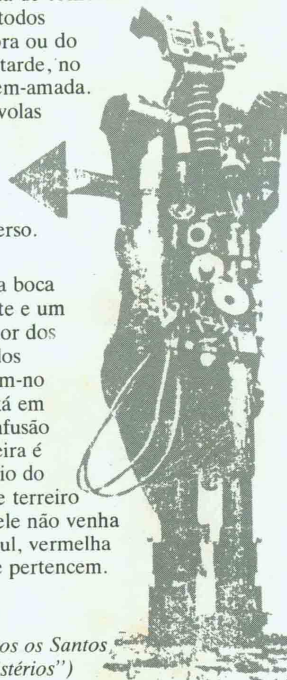
Quem guarda os caminhos da cidade do Salvador da Bahia é Exu, orixá do mais importante na liturgia do candomblé, orixá do movimento, por muitos confundido com o diabo no sincretismo com a religião católica, pois ele é malicioso e arrelento, não sabe estar quieto, gosta de confusão e de aperseio. Postado nas encruzilhadas de todos os caminhos, escondido na meia-luz da aurora ou do crepúsculo, na barra da manhã, no cair da tarde, no escuro da noite, Exu guarda sua cidade bem-amada. Ai de quem aqui desembarcar com malévolas intenções, com o coração de ódio ou de inveja, ou para aqui se dirigir tangido pela violência ou pelo azedume: o povo dessa cidade é doce e cordial e Exu tranca seus caminhos ao falso e ao perverso.

Exu come tudo que a boca come, bebe cachaça, é um cavalheiro andante e um menino reinador. Gosta de balbúrdia, senhor dos caminhos, mensageiro dos deuses, correio dos orixás, um capeta. Por tudo isso sincretizaram-no com o diabo; em verdade ele é apenas o orixá em movimento, amigo de um bafafá, de uma confusão mas, no fundo, excelente pessoa. De certa maneira é o Não onde só existe o Sim; o Contra em meio do a Favor; o intrépido e o invencível. Toda festa de terreiro começa com o padê de Exu, para que ele não venha causar perturbação. Sua roupa é bela: azul, vermelha e branca e todas as segundas-feiras lhe pertencem.

Jorge Amado

(Textos extraídos do livro "Bahia de Todos os Santos guia de ruas e mistérios")

EXU: Escultura de Tati Moreno



Coordenação Editorial: Claudius Portugal
Conselho Editorial: Myriam Fraga (Presidente)
Antônio Risério, Fernando da Rocha Peres,
Florivaldo Matos, James Amado,
João Jorge Amado, José Carlos Capinan,
Wilson Lins.
Arte: Humberto Vellame
Composição: Studio Domingos
Fotolito e Impressão: Impressora Rocha



Exu é uma publicação bimestral da
Fundação Casa de Jorge Amado
Largo do Pelourinho, s/n, Salvador,
Bahia, CEP 40025. Tel.: (071) 321-0070.

Os conceitos emitidos em artigos assinados
são da responsabilidade exclusiva de seus autores.
Os originais não serão devolvidos.
Todos os direitos de reprodução reservados.

Correspondentes: Adalmir da Cunha Miranda,
Haroldo de Campos, José Paulo Paes,
Ricardo Ramos, Jerusa Pires Ferreira,
Boris Schnaidernan, Arnaldo Antunes (São Paulo),
Afrânio Coutinho, Antônio Torres, Eduardo Portella,
Sônia Coutinho, Fernando Sabino, Mário da Silva Brito,
Bella Jozef (Rio de Janeiro), Luís Turiba (Brasília),
Nádia Gottlieb (Minas Gerais),
João de Jesus Paes Loureiro (Pará), Marcus Agyolli
(Pernambuco), Sérgio de Castro Pinto (Paraná),
Janaina Amado (Goiás), Antônio Holhefeldt,
Armindo Trevisan, Danilo Uchoa, Moacyr Scliar
(Rio Grande do Sul), Haydée Jofre Barroso,
José Maria Paolantino (Argentina), Isabel Allende
(Venezuela), Gustavo Bustamante (Colômbia),
Miguel Bustos Cerecedo (México),
Gregory Rabassa, John Dwyer, Nancy Baden, Richard
O'Connell, Tomas Colchie (Estados Unidos),
Alice Raillard, Francis Combes, Jean Orecchioni,
René Depestre (França), Dario Puccini,
Luciana Stegano Picchio (Itália),
José Carlos de Vasconcelos, Luiz Forjaz-Trigueiros,
Nuno Lima de Carvalho, Francisco Lyon de Castro
(Portugal), Xela Arias (Espanha), Antônio Olinto
(Inglaterra), Theodor Popoff (Bulgária), Pavla Lidmilová
(Tchecoslováquia), Kostas Assimacopoulos (Grécia),
Jorge Kaluguim, Vera Kuleichicova (URSS),
Jorge Alfama (Cabo Verde), Luandino Vieira (Angola),
Rui Nogar (Moçambique), Osamu Kumasiro (Japão).

Capa: EXU,
Pintura de Leonel Mattos

3
HÉLIO PÓLVORA
entrevista

8
VERA LÚCIA DE OLIVEIRA

9
YOEL MESA FALCON

10
LUÍS TURIBA

11
ORDEP SERRA

12
ILDÁSIO TAVARES

14
I BIENAL DO RECÔNCAVO

18
REYNIVALDO BRITO

19
ANTONIO SHORT

20
ORLANDO PEREIRA
DOS SANTOS

22
CYRO DE MATTOS

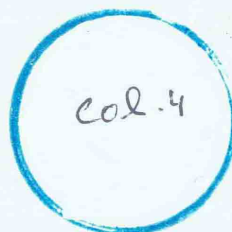
25
JULIO BRAGA

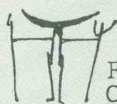
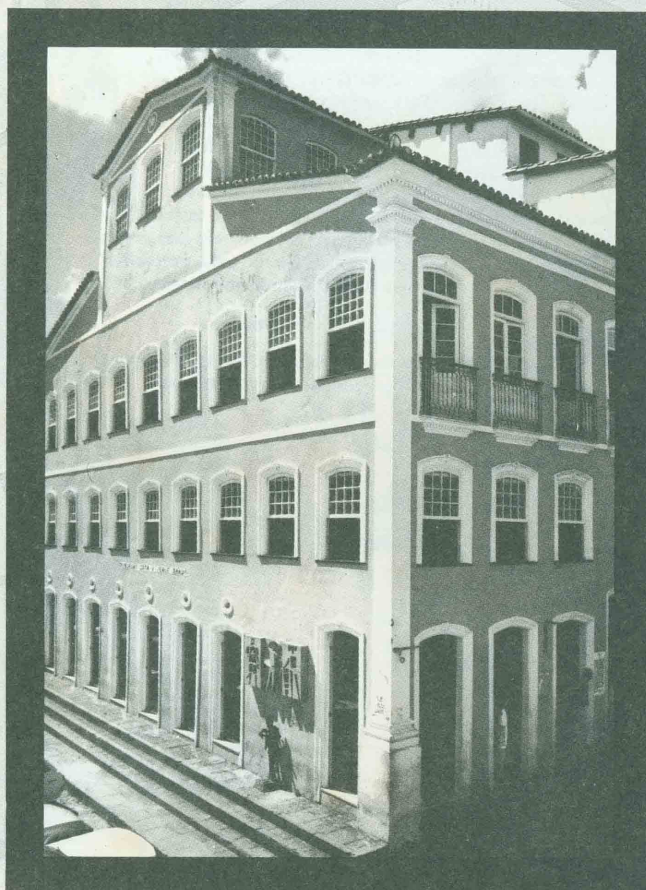
28
Registro

Poster
Pintura de Jadir Freire
Texto: Claudius Portugal

julho / agosto / 1991
ano IV

22





Fundação
Casa de Jorge Amado

Presidente:

Germano Tabacof

Diretor:

Myriam Fraga

Conselho Curador:

Adary Oliveira • Arthur Sampaio • Carlos Fraga
Fernando Almeida • Floriano Teixeira • Germano Tabacof
Hector Júlio Páride Bernabó • James Amado • João Jorge Amado
Joelson Amado • José Júlio de Calasans Neto • Jorge Calmon
Wilson Lins • Zélia Gattai Amado • Paloma Amado Costa

(Academia de Letras da Bahia) Cláudio Veiga
(Instituto Geográfico e Histórico da Bahia) Thales de Azevedo
(Universidade Federal da Bahia) Fernando da Rocha Peres.

Conselho Fiscal:

Jorge Lins Freire • Júlio Cesar de Carvalho • Lafayette Pondé Filho
Mário Gordilho • Paulo Maciel • Renato Martins.

Mantenedores:

Dmeval da Costa Chaves Cia. Ltda • Fundação Nestlé de Cultura
Jean Luc Lagardere • Nacional Iguatemi Empreendimentos • Banco Econômico S.A.

Convênios:

Secretaria de Educação do Estado da Bahia
Fundação Cultural do Estado da Bahia
Fundação Colégio Maior Universitário Casa do Brasil - Madrid - Espanha
Fundação Internacional Liudmila Jivkova
Fundação Pedro Calmon • Museu Eugênio Teixeira Leal.

Hélio Pólvora



Hélio Pólvora inaugura um procedimento novo na EXU. O autor por ele mesmo. Ou, como ele afirma, diante do espelho. Isto surgiu após uma conversa com a professora Maria de Lourdes Netto Simões, da vontade que tinhamos em entrevistá-lo e dos contratempos, quando ela sugeriu de usarmos deste expediente. Ai está. Conjuntamente, o conto "O Mágico", que abre seu último livro *Xerazade* (José Olympio Ed., RJ, 1989).

Eu diante do espelho... Já me tenho visto em situações igualmente embaraçosas. A idéia é da professora Maria de Lourdes Netto Simões. Para vencer a minha resistência, ela me informa que um escritor português do momento entrevistou-se desse jeito. Teria sido o Almeida Faria, sobre quem ela escreveu uma tese? Talvez. Mas vamos ao espelho. Ele reflete um indivíduo que, não sendo propriamente retaco, como dizia Érico Veríssimo de si mesmo, está longe de ser medianamente mediano. O volume abdominal perde em centimetragem para o do meu querido amigo e grande poeta Florisvaldo Mattos, mas não muito: é que somos **gourmets** e ao mesmo tempo **gourmants**, além de vendermos por qualquer pechincha a alma a uma boa garrafa de vinho. No mais, bigode quase todo branco, cabelo grisalho e fundas entradas nas têmporas. Quando eu tinha menos idade, uma admiradora circunstancial comparou-me a um "mexicano próspero". Mas isso aconteceu antes da crise do cacau.

■ Sou de Itabuna, mas digo isso sem a valentia dos personagens de Jorge Amado em *Terras do sem fim*, ou quem sabe num trecho de *Jubiabá*. Nasci em fazenda de cacau, e por isso o cheiro do cacau mole me persegue por onde ando. Se eu escrevesse que nasci "no ventre dos cacauais", alguém poderia acusar-me de imitação, mas é a pura verdade e eu já tinha pensado nessa frase.

■ Se eu tive uma infância feliz? Creio que sim. Ainda hoje sonho com as paisagens da fazenda. Sou capaz de visualizar recantos nas plantações, fontes, ribeirões, estradas, capinzais. Por causa dessa imagística é que, após trinta anos no Rio de Janeiro, voltei a Itabuna. Não sei se fiz bem ou mal, mas tenho a suspeita de que não se deve andar para trás. O passado fica restrito à nossa memória e ocorre então o choque inevitável entre a realidade recriada e a realidade atual. Pessoas, tempos, lugares, paisagens e lembranças desgastaram-se sem que percebessemos e sem que eles tomassem conhecimento de nós.

■ Na vida de certas crianças protegidas, a infância é seguramente o período que mais se aproxima da felicidade. O ingresso na vida adulta provoca uma

colisão violenta. Este tema, a travessia da infância para a chamada maturidade, é um tema caro a muitos escritores. Procurei utilizá-lo em alguns contos. Observei que até os animais se tornam piores (quero dizer, conflituosos) com o passar dos anos. Por isso, num dos meus contos, "Turco", um cão que era moço e alegre, enlouquece.

■ Itabuna tem vantagens e desvantagens, como tudo nesta vida. Estou aqui há uns sete anos. Vantagem: você estaciona o seu automóvel, ainda, à porta do açougue, da padaria, do médico. Desvantagem: a gente encontra as mesmas pessoas ao virar uma esquina, no supermercado, no restaurante principal. De modo que, se você tiver juízo, não exercerá a crítica, para não ter de se preocupar. As pessoas em Itabuna, como de resto lá fora, na maioria dos casos, não foram educadas para o exercício soberano da crítica. Tiram ouro do nariz, como disse Drummond em famoso poema-piada. Como eu às vezes perco um amigo mas não perco a oportunidade de soltar uma frase maliciosa, é provável que algumas pessoas não gostem de mim.

■ Não pretendo ficar por muito mais tempo aqui. Arrumo a trouxa, uma hora destas, e retorno ao Rio de Janeiro, ou a Salvador, ou entro na selva de São Paulo. Lá existem bens culturais com fartura, os concorrentes são mais civilizados e o mercado de trabalho bem mais amplo. Estou me aposentando e, como tradutor, não me faltará o que fazer. Sou desses que trabalham desde cedo e que se sentirão felizes de morrer em cima de uma máquina de escrever, ou debruçado no teclado de um computador. Pior aconteceu com Stendhal: dizem que morreu na rua, o que era, aliás, um desejo seu.

■ A solidão nas roças de cacau da infância me fizeram tímido, desconfiado, algo arredio. Mas quem se aproxima de mim descobre logo o jeito de me levar e percebe como é fácil conviver comigo. Tenho uma sensibilidade aguda que funciona como nervo exposto. Apreendi a contar apenas comigo, a não contar com proteções, e só peço favor em último caso. Tive dois empregos públicos ocasionais, modestíssimos, de curta duração — o que mereceria diplo-

ma num país onde quase todos se curvam ao poder e mamam nas tetas do Tesouro. Minha atual mulher observa, com tristeza, que perdi muitas oportunidades na vida. Nada mais exato. Tive vergonha de pleitear, de barganhar, de baixar o pescoço. A exemplo daquele personagem de Graham Greene, acho que nasci para "second man". Mas não me arrependo do meu orgulho besta. Prefiro me arrepender do que não fiz e do que não sou.

■ Quando menino, eu andava com um dedo espetado no ar, como se fosse uma caneta invisível. Escrevia nas paredes, escrevia no ar. Meu pai dizia que eu não tinha inclinações práticas, que não teria condições de sustentar família. Nisso o velho errou. Se nós, escritores, não conseguimos ganhar dinheiro (há exceções, naturalmente, os chamados escritores "realizados"), pelo menos entramos em luta com os nossos demônios interiores e deles nos libertamos pela escrita, soltando-os para que atormentem os leitores. Entendam-me: um contista cubano declarou uma vez que, quando escrevia um bom conto, se sentia mais feliz do que o mais poderoso banqueiro de Wall Street. A frase é verdadeira. Me lembro que, depois de escrever o conto que me lançou no mundo literário, "Os Galos da Aurora", saí do meu apartamento em Copacabana e andei apalermado pelas ruas, em estado de êxtase. Escrever tem este lado bom. É lendo que se aprende a escrever, quando se tem vocação, embocadura, destino de escritor. Muito escritor que se exhibe por aí, cheio de pose, como se tivesse um rei na barriga, é uma fraude, não tem vocação para as letras, resolveu enganar-se e enganar os outros. Cuidado com as falsificações.

■ Minha mãe recebia mensalmente fascículos de romances intermináveis que um mascate de roça lhe vendia. Meu pai lia romances melosos e policiais. Também comprava jornais. Cresci numa casa de livros, jornais e revistas. Peguei o vício cedo, devorei as coleções Terramarear, SIP (livros de bolsos da Civilização Brasileira), Amarela (policiais), Série Negra (policiais). Li o *Raptado*, de Stevenson, quando tinha nove anos, e chorei naquela cena da despedida de David Balfour e Allan Breck. O resto do meu tempo vadio de menino eu passava com meu pai, em andanças pelas plantações. Meu pai

O mágico

(1984)

A
DUÍLIO GOMES

Love is hello and goob-bye.
(SANDRA HOCHMAN, *Walking papers*)

UM ROSTO GRANDE, marcado pelas pinceladas das sobrancelhas grossas e pelos poços dos olhos escuros. Porém o mais notável era o sorriso divertido nos lábios inchados. Aquele sorriso zombeteiro e ao mesmo tempo terno, uma das imagens que me ficaram de Hermano, o Grande.

Ele, sem tirar nem pôr, respeitável público. O rei dos nossos mágicos de salão, senhoras e cavalheiros.

Não adianta procurarem dados biográficos de Hermano, o Grande, nas páginas de Marvin Kaye, aliás escritas para principiantes. Ou em Reginald Scott, mesmo porque este publicou seu famoso tratado em 1582. Autores contemporâneos, todos eles estrangeiros, porque a produção nacional de mágicas continua escassa, raramente o mencionam. A razão é clara: ao contrário de mestres americanos e europeus, Hermano, o Grande, permaneceu do lado de cá do Atlântico. Seus números foram desempenhados aqui, limitados a auditórios de São Paulo, Rio e Belo Horizonte.

Conheci-o em Petrópolis, quando certa vez saí atarantado do Quintandinha, perseguindo um esquivo amor. Hermano, o Grande, me deteve:

— Para que tanta pressa, filho?

E depois de desfiar minha gravata, respondeu que eu não precisava correr, que eu certamente não iria resolver o conflito árabe-israelense, convencer o papa a aceitar a pílula ou baixar a inflação no Brasil. A vida, me disse Hermano, o Grande, estava à minha espera, mulheres não iriam faltar-me nessa época de liberação da mulher. Dito isso, tirou um ovo do meu ouvido direito, curvou-se em gracioso rapapé e estendeu um cartão na ponta dos dedos enlurvados.

"Hermano, o Grande. Espetáculo às nove horas. Conto com a sua presença."

Tudo com um jeito convincente, natural. O homem era dos bons.

Acabo de ir ao seu enterro. Poucas pessoas velando o corpo na capela. Nenhuma mulher. Somente velhos companheiros e um senhor muito idoso, apoiado a uma bengala que, surpreendentemente, ainda tinha castão. Uma bengala antiga, cara. Notei o velho porque ninguém usa bengala hoje em dia, salvo os acidentados. Ou chapéu. Um tio de olhos remelosos, a disfarçar a emoção no lenço monogramado? O pai trazido de pequena cidade do interior pelo telegrama de pêsames? Pouco sei da vida familiar de Hermano, o Grande. Mas se algum dia vocês forem a Londres, tentem consultar os arquivos de The Magic Circle. Este clube, fundado em 1905, fica em Bloomsbury Dickensian Mews. Talvez não os deixem entrar, afinal de contas nem todos nós somos mágicos profissionais, apenas fazemos a mágica de resistir às artimanhas dos políticos e sobreviver ao custo de vida. Mas, se conseguirem passar pelo solene e vigilante porteiro, logo verão sua imagem (a de vocês) refletida num grande espelho. E à medida que olharem, a imagem se irá apagando, até ser substituída pelos signos do Zodíaco.

Certas pessoas nascem para sofrer agressões em doses lentas ou levar pauladas de uma só vez numa esquina da vida. Eu passava pela confluência de Bolívar com Leopoldo Miguez, em Copacabana, quando vi um ajuntamento. Transseuntes em círculo observavam um homem bater em outro. Bater, não, porque a vítima já estava caída e quieta. Massacrar. Pontapés atingiam-lhe o peito, as costelas, o ventre, as coxas. O homem no chão encolhia-se como trapo largado ao léu. No meio dos observadores uma mulher benzeu-se e saiu com o seu embrulho de pão. Os demais olhavam fascinados, sem se mexerem.

Hermano, o Grande.

Deitava sangue pelo nariz, o rosto cheio de escoriações. Agarrei o agressor por um ombro. Parece que ele esperava só por isso, afinal estava cansado de bater. Resmungou um palavrão, sungou a manga da camisa e se afastou sem que o molestassem. Eu me ajoelhei junto à trouxa.

— Hermano, Hermano.

Abriu um olho com esforço.

— Hermano, o que foi?

— Nada.

— Como assim, nada? Foi briga por causa de mulher? Diga, vou dar queixa. Não, vou chamar uma ambulância, um táxi. Agüente aí.

Hermano, o Grande, tentou me segurar pelo braço. Quis erguer a cabeça. Quis dizer alguma coisa. Um testamento? O recado de um homem que agonizava na rua? Curvei-me. Os lábios dele tremiam como tremem às vezes os beijos dos gogos.

— É um segredo, Hermano?

Em tempo: se quiserem, me chamem de João. O fiel João do conto dos irmãos Grimm. Desde aquele dia em Petrópolis, quando pela primeira vez me desfiou a gravata com dedos agilíssimos e devolveu-a intacta, acompanhei discretamente as peripécias de Hermano, o Grande. Ele sempre me desfiando a gravata, tirando ovos dos meus ouvidos, o que me parecia bom, pois o tabelamento do governo encareceu tudo. Ou fazendo aparecer num bolso uma moeda estrangeira, dando-me a ilusão de que eu poderia juntá-las e viajar. Lembram-se do conto dos irmãos Grimm? Aquele em que o jovem filho do rei... Hermano, o Grande, insistiu em abrir portas, em atravessar antecâmaras e alcovas, devassar interiores, investigar subterrâneos. Forçou aquela porta, a misteriosa porta de ébano que dava acesso a uma galeria, e se apaixonou então pela mulher do retrato, a mulher bela mas que não sabia fazer mágicas, que não fazia na rotina do seu cotidiano as mesmas prestidigitações de Jules de Rovere com os dados, em 1815. Azar dele. Azar ou sorte? Se ele não abrisse a porta e descobrisse o retrato, talvez não encontrasse o Amor. Sim, bem sei, o amor com suas misturas fortes de atração e repulsa, ternura e ódio, cansaço e euforia, ânsia e depressão. Sim, bem sabemos, ah como sabemos. Hermano, o Grande, êmulo de Houdini na arte da escamoteação, conheceu o amor que se dá, o amor rasgado e escrachado. E em vez de desfiar a gola de cambraia da blusa da mulher do retrato, ou plantar-lhe um ovo no útero, ou hipnotizá-la para que, no sensacional número de levitação, ela continuasse deitada em pleno ar — Hermano, o Grande, começou a escrever poesia. Guardo ainda os poemas, mágicas de quem jamais poetou mas conseguiu em palco alheio produzir imagens rápidas e coloridas. Estavam no bolso interno do paletó, do lado esquerdo. Como ninguém reclamasse o corpo no necrotério, tive de providenciar tudo; no fim a Polícia me devolveu os pertences do falecido. Pouca coisa: chaves, um retrato, duas fichas de orelhão, um caderninho de endereços, uma propaganda de videocassete, a moeda estrangeira (era um dólar de prata, deve valer uma nota fulgurante em cruzados), um ovo de plástico, um cravo murcho, um folheto sobre a Aids, uma emenda à Constituinte, um romance de José Saramago com anotações entusiásticas, um baralho completo, um botão com quatro furos, um novelo de linha de costura. E os poemas. Ora, direis, com a permissividade que anda hoje por aí, com as menininhas do Méier frequentando inferninhos em Copacabana e rameiras atacando de automóvel os distintos hóspedes de hotéis cinco estrelas, ler poemas, escrever poemas... Hermano, o Grande, escreveu-os em seu pequeno apartamento do Leme. Uma cama, livros de magia, algumas roupas. A parafernália de um mágico: lenços coloridos, cartolas, cordas. Uma mesa com duas gavetas. Os poemas. E cartas presas por um elástico. Copiei os trechos mais significativos, em busca de uma pista:

“Negócio, então, é tentar outra vez me *ajustar* à vida. Procurando manter o que você sugere nesta sua última carta, realmente de guru: uma certa disciplina, uma certa lucidez, uma certa resistência pessoal”.

(...)

“Estou quase no fim das alentadas *Confissões* de Rousseau e fascinada com o temperamento do autor, altamente paradoxal, supertímido e superauda-

era um esteta. Apesar de pequeno produtor de cacau, contemplava as árvores cheias de frutos e se sentia feliz, não pelo dinheiro que iria receber no armazém, mas pela beleza dos frutos, pelos jogos de cores, pelos raios de sol que penetravam na sombria folhagem. Foi o maior esteta que já conheci. Recusava-se a progredir, quer dizer, a comprar a propriedade do vizinho, a expulsar posseiros, a explorar peões. Nunca passou das duas mil arrobas, mas criou a família, educou pelos menos dois filhos (eu e uma irmã) em Salvador. Os demais tiveram educação básica.

■ A Cidade do Salvador que eu amo não é esta: é a dos anos 40 e 50, com os bondes, os refrigerantes Fratelli Vita, a praia da Barra onde íamos, aos domingos, ver qual a moça que teria comprado aquele maiô exposto na vitrina da loja “Duas Américas” na Rua Chile. A Salvador do “Rumba” e do “Tabaris”. Fui aluno do Colégio 2 de Julho, do Carneiro Ribeiro e do Colégio Estadual da Bahia. Mas a Biblioteca Pública, então na Praça Municipal, era o lugar que mais me fascinava. Se em Itabuna, durante o curso primário, eu já travara conhecimento com José de Alencar, Érico Veríssimo e um pouco de Machado de Assis, foi em Salvador que, em longas sessões de leitura, li os ficcionistas americanos modernos, entre eles Hemingway, Steinbeck e Faulkner.

■ O espelho me devolve um olhar contemplativo, de pessoa calma. Mas ninguém se iluda: o sobrenome Pólvora, que é verdadeiro, aplica-se bem ao que me vai no íntimo. Sou inquieto, até mesmo em relação ao que escrevo: deixo esfriar na gaveta e muitas vezes jogo fora. Ah, se eu publicasse tudo o que escrevo... A cesta de papéis é um conselheiro mudo da mais alta importância. Trago no meu íntimo um vulcão, não um desses vulcões adormecidos da Polinésia que, de repente, entram em erupção. Eu deito lavas a todo o instante. Vivo a arder, a me sacrificar num permanente auto-de-fé.

■ Sou meio doido. Por exemplo: a esta altura do campeonato da vida, vejo-me pai e ao mesmo tempo “avô” de uma menina, Raquel, de 10 anos, e de um menino, o Helinho, de 5. A minha mulher Maria quis homenagear-me e eu, com uma ponta de vaidade que não

dissimulo, consenti. Mas quero que o Helinho curse a Universidade de Campinas, se possível, e seja engenheiro eletrônico, ou astronauta. Nada de escrever contos e novelas. Nada de jornalismo.

■ A glória não me interessa. Se tenho recusado tantos convites para isto e aquilo, se a presença de três pessoas consegue incomodar-me, se uma cadeira na primeira ou segunda fila me parece mais cômoda do que a presença ao vivo no palco, então por que buscar a glória? Não tenho jeito para isso. Devo ter no país inteiro uns cem leitores fiéis, que me acompanham desde 1958, quando estreei com um volume de contos, **Os Galos da Aurora**. Sou um desses humilhados e ofendidos escritores brasileiros que continuam escrevendo enquanto o público leitor parece encolher-se, não obstante a taxa alta de crescimento demográfico. Sou um velho guerreiro cultural, um divulgador (como crítico literário e ensaísta) de literatura, um tradutor de Graham Greene, William Faulkner, Ernest Hemingway, Isaac Bashevis Singer, Mary McCarthy, Robert Penn Warren, Isaiah Berlin, Albert Soboul e por aí a fora. Mas confesso, aqui entre nós, que gostaria de ser mais lido na minha língua, porque a minha modesta obra (cerca de vinte títulos, quase todos eles volumes de contos) é brasileira, tem vocação brasileira e alma brasileira.

■ Minha concepção de conto tem mudado a partir do terceiro livro. De modo que a parte da minha obra de que mais gosto é a que começa com **Estranhos e Assustados**, que data de 1966. O crítico Fausto Cunha jurou por todos os santos que estou na vanguarda do conto brasileiro. Não sei bem, talvez ele tenha exagerado. Mas alguns contos de **Noites Vivas**, **Massacre no Km 13**, **O Grito da Perdiz**, **Mar de Azov** e **Xerazade** me satisfazem, me empolgam.

■ Literatura e mulher, eis o que eu levaria para uma ilha deserta, afora as latas de conservas, já que o espelho insiste em me fazer esta pergunta banal. Por mulher eu me refiro àquela mulher, à mulher idealizada, entronizada ou, como disse um samba, "a que a gente tem no coração". Em suma, a mulher sonhada pelos poetas. Sou muito sensível a essa coisa chamada "o eterno feminino" e me penaliza muito ver a mulher banalizar-se tanto neste final de

cioso, inflamado e reprimido ao mesmo tempo, profundamente passional, mas destituído de qualquer persistência, ao ponto de abandonar no meio projetos antes obsessivamente perseguidos; de atitudes contrastantes ao ponto de ser entendido de maneira a mais diversa, às vezes tomado por imbecil inconveniente, outras por gênio."

(...)

"Quando estou serena, eu fico em casa e não caio na fossa. Gostaria, na verdade, de ver pouquíssima gente, só quem tivesse realmente alguma coisa a me dizer, e com quem eu conversasse em grupos reduzidíssimos, melhor ainda, só duas pessoas. Agora, quando estou muito infeliz, eu preciso ver gente, porque se me pego sozinha mergulho em autocompaixão suicida.

(...)

"Também continuo fascinada pelo tema do *absurdo*, entendida a palavra em seu sentido pirandelliano: as várias máscaras que usamos, sem que os outros, ou nós mesmos, saibamos qual delas corresponderia ao chamado *verdadeiro eu*."

(...)

"Essa saída da crise, aliás, deveu-se não só ao repouso e ao desligamento dos meus problemas pessoais aí, mas, em grande medida, talvez mais de sessenta por cento, ao fato de eu o ter encontrado e de você ter-se interessado por mim, ou se ligado afetivamente a mim (quero crer nisso). Estou muito triste, portanto, de ter interrompido contatos que me estavam fazendo tanto bem, me agradando tanto, me dando a esperança de que pudessem prolongar-se de modo cada vez mais intenso, *sine die*."

(...)

"Tenho passado muito bem, do ponto de vista psíquico. Uma sensação de *desemaranhamento*, para a qual deve ter contribuído, em grande medida, a análise relâmpago que fiz com você como analista."

(...)

"Sozinha eu não consigo. Hermano. Só você me ajudando. Está vendo? Quem mandou querer dar uma de bom samaritano e de guru? Agora você arranjou uma *dependente*."

(...)

"Hermano, querido, me espere. Já comprei passagem de volta. Eu amo você, nunca vamos nos separar."

Hermano, o Grande, então no auge dos seus poderes de mágico. O lenço que não queima apesar do fogo e da fumaça. A identificação da moeda oculta pela platéia. A moeda que, marcada embaixo do lenço, para todo mundo ver, aparece depois na caixinha lacrada, ou no regaço da moça gorda. O lápis que muda de cor. A Constituição brasileira obedecida ao pé da letra. O lápis flutuante, ah. Lenços que trocam invisivelmente de lugar. E cordas que reaparecem inteiras depois de cortadas. E truques com cartas de jogar.

Morreu à hora das ave-marias, em Copacabana. Baixei-me para captar-lhe o último cicio, quem sabe a palavra definitiva, a mensagem aos vivos?

— O amor...

— Sim?

— O amor se renova...

— Estou ouvindo, Hermano.

— Proust...

Os poemas eram ardorosos. Uma entrega cega, uma emoção densa, quase que esculpida. Não sei de cor. Recordo que um deles mencionava "ancas abruptas quando fechas o promontório pubiano". E, depois, "suaves vertentes quando te abres felina à minha proa". Dois versos soltos, descasados, me ficaram na memória: "E me enredo então na doce água-viva do teu sexo", dizia Hermano, o Grande. "Naufrago entre as dunas dos teus seios."

A morte saiu nos jornais. Ele foi espancado até sofrer hemorragia interna por um atleta dopado, um campeão paulista de caratê. Agressão total, passional.

Mas o que informa uma notícia rotineira de jornal? Acaso desce às verdadeiras intimidades homem/mulher, às secretas motivações do crime? Uma intimidade entretecida às vezes de diálogo assim:

- Hoje todo mundo anda na sua.
- Você está generalizando.
- Ah, estou? Pois olhe, as pessoas chegam e se servem. Como no Bob's.
- Mas é preciso alguma identidade, um compromisso de ordem afetiva. O de resistir à rotina e ao desamor, por exemplo.
- Não adianta, meu caro. A rotina acaba com o amor.
- O seu já terminou?
- Não digo que sim. Apenas aquela paixão inicial passou. Agora sinto amizade, interesse.
- E o que você propõe então?
- Que tal amizade colorida? A gente se vê, transa, se curte e respeita a intimidade um do outro. Ainda pretendo ter algumas experiências sexuais.
- Não bastam os dois ou três casos de sua vida?
- Foram casinhos sem marca registrada. Eu era muito tola, agora tenho experiência.
- O nosso caso também?
- O nosso foi exceção, foi amor mesmo.
- Então, por que não prolongar o nosso amor?
- Porra, Hermano, porque eu já entrei na casa dos quarenta. De cuca fumegante. Sentindo que perdi a mocidade com todos aqueles grilos de sexualidade reprimida e menininha de família burguesa.
- Ah, entendo.
- (...)
- Amor é compaixão.
- Lá vem você com suas frases simplórias.
- Não sou simplório. O que eu disse está na Bíblia. É do apóstolo São Paulo. Amor é misericórdia.
- (...)
- Amor é compaixão. Eu tenho muita pena de você. Porque eu amo muito você.

A banca de jornais na esquina de Bolívar com Leopoldo Miguez ostenta manchetes: "PUNIDOS AFINAL TODOS OS TORTURADORES DO REGIME MILITAR." "LIZ TAYLOR VENDE JÓIAS PARA MATAR FOME NA ETIÓPIA." "ITÁLIA DESAFIA BRASIL PENTACAMPEÃO." "VIRGINDADE É MODA DE VERÃO EM IPANEMA." "CHICO BUARQUE CONFESSA: CUBA É UMA DITADURA."

Ali perto, junto ao meio-fio, morreu Hermano, o Grande. Debruço-me sobre ele agonizante:

- O segredo, Hermano. Qual é o segredo?
- O amor me enoja...
- O quê?
- Putz...

Putz ou Proust? Enoja ou renova? A voz de Hermano, o Grande, é um estertor. Quer dizer que o amor se renova proustianamente, pelo exercício da memória? Seria mesmo putz? Sou apenas o fiel João, aquele João do conto dos irmãos Grimm, mas creio que Hermano, o Grande, repetiu com aquela mulher o número de Buatier de Kolta: o dado que aumenta de volume sobre a mesa, à vista do público fascinado, até a simpática coadjuvante nele sentar-se. Então, na superfície do dado, completamente tomada, já não resta lugar para ninguém, lugar para outras mágicas.

século, cada vez mais objeto de consumo a pretexto de liberar-se. Bah...

■ Nunca escrevi um romance, mas um editor, durante a última Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, em São Paulo, me encomendou um. Vamos ver o que sai, se é que sai alguma coisa. Se não sair, paciência, porque uma das minhas máximas eu recolhi em Aníbal M. Machado: *Se todo o teu corpo não participa do que escreves, guarda o papel e deixa para amanhã.*

■ E no mais, espelho meu, gosto de Anton Tchekhov, Thomas Hardy, William Faulkner, Graham Greene (nem tudo o que escreveu), Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, Camões, Machado de Assis e o velho Bill Shakespeare. Aprecio muito José Saramago, para mim um dos maiores romancistas deste século.

■ Estou sempre a escrever: na rua, enquanto ando e corro o risco de ser atropelado, no ônibus, em casa sentado na poltrona. Reconheço que, com os meus silêncios e esquivanças, sou um chato, o chamado chato de galochas de Nelson Rodrigues. Meus contos e artigos saem quase prontos da cabeça para o papel. Depois, é só cortar, e às vezes acrescentar. Hemingway tinha apenas meia razão quando disse que escrever é cortar palavras. Não foi assim com Proust, não foi assim com Joseph Conrad, não foi assim com Faulkner, três retóricas, três mestres da modernidade literária.

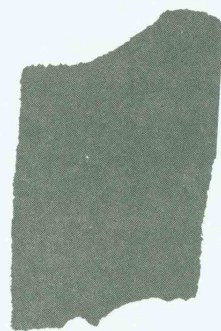
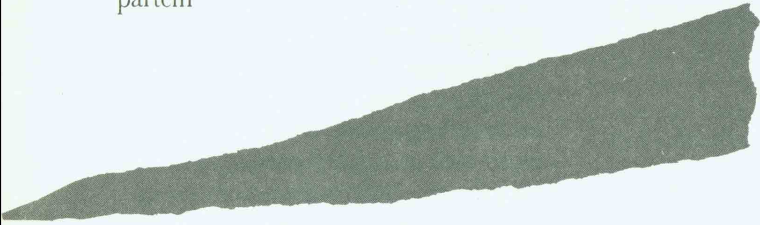
■ Ia me esquecendo de verificar no espelho que também sou jornalista. Ou melhor: sou essencialmente jornalista. Já passei pelo horror de quase todas as redações cariocas, andei pela **Veja** e **Correio Braziliense**, como crítico literário. De maneira que a minha pobre literatura foi feita com as sobras do tempo e apesar do cansaço físico e mental, que em mim é crônico. Que querem, não nasci em berço de ouro nem me abriguei sob a asa do Poder. Tampouco fui carregado por esta ou aquela ideologia. Falta-me jeito para gerenciar a minha imagem. Entre eu e o **marketing** existe um fosso intransponível. Sei disso e não incomodo ninguém, pelo menos deliberadamente, não piso nos calos dos meus concorrentes. E estamos conversados. Se me pedissem um fecho para este depoimento, eu diria: tenho me esforçado para viver com a maior dignidade possível, como escritor, jornalista e pequeno agricultor.



*nasceu em São Paulo. Formada em Letras,
estuda atualmente em Perugia, Itália, como bolsista,
e tem publicado, A porta range no fim do corredor,
e Geografia d'ombra, publicação de onde foram retirados os poemas.*

JANELA ABERTA

Janela aberta
cidade morta
o céu azul afunda luzes no calor da tarde
o mato que escapa sem olhos no ardor da rua
sufocado morre no silêncio
quebrado só por mosquitos pardais e aviões que
partem



NOTAS

Cresci com minha irmã ferindo a luz de um violão escuro
minha irmã com seu rastro escuro

minha irmã com a música extraída com força
das horas,

esmerilhando sempre

cordas

deglutindo notas

furando tardes para decifrar a vida que pesava como uma
força

PROFANACIÓN DEL INFINITO

Contemplas el firmamento
y por entre las estrellas, los luceros,
violando tu ensueño
pasó la verde, intermitente luz de un avión
como una obscena luciérnaga, un fauno de los cielos
que incrustara en tus labios el sabor de la tierra.

SECRETO DE LOS PAPALOTES

Los papalotes viajan al fondo del cielo enamorados
del azul.

Mas el firmamento
ama desesperadamente los terruños los caminos
los techos las puertas los rios los lirios
y descende, en una avalancha incontenible de azules,
sobre el muchacho que empina su cometa.

ANUNCIACIÓN

A la media luz del atardecer
a dónde iba el mundo, a dónde iba yo
si la suave flauta del infinito
no tiene horizontes, y la luz que moría
nunca ha pensado en su resurrección.

bendito beijo na boca de um amor que a si se basta
dois corpos uma só flecha um sopro-cheiro uma lança
um imã um mar de pétalas um desespero e não passa
acontece, simplesmente, vem como um fogo e...amansa

amor praga sem remédio sem tédio grito em out-door
quando vem de ambos os lados, então, é bomba em flor
não tem fronteiras nem pregas nem vincos nem tem pudor
escrevo ao cosmos com estrelas: quero e quero meu amor!

amoro
amoradoíssimo
amoradoão
amor-grão
amor In
amor vermelho de champanhe com limão
amor zen
amor zum
amor zum zum
amor zim
amor zim zim
amor doce de leite
amor quenturazeite
amor papos de anjos
amor dentes de bárbaros
amor marmanjo
amor de cravos
amor de chocolate
amor de baba e cusparada
amor tapa na cara
amor puxa cabelos
amor troca de pelos
de doer de gritar de sorrir
de ficar sem falar sem dormir sem comer
amor hê!
amor ah!
amor de ninhos
amor de vinhos
amor de bebês
amor prá vocês

amor é a coisa mais alegre
amor é a coisa mais triste
amor é muito mais que febre
eu que o vi quero vê-lo: vísceras?

RAPSÓDIA XVIII — A QUEDA

Quando entrei no sagrado pavilhão de tua orelha
vento escuro e suave me envolveu
tocando a plumagem de música
de uma só faísca

alma como ave no labirinto
a vista por um fio
o tempo entornado
caracolando

meu grito meu barco

Subi subi subi
oscilante rumor de ramos
onda profunda
— queda para todos os lados.

Sangue serpente
Cavalo cavaleiro
Veneno
Carro de fogo
Assim tua dança me espalhou
por todo o teu corpo

Mas quando tua mão a tocou,
a presa no umbigo, que eu era,
ergueu-se à íris
onde logo me veio vencer
tentação de choro glorioso

e um breve movimento dos seios
anunciou o êxodo —
em tuas pupilas quase fechadas
a silenciosa explosão do pássaro.

Então te colheu o sono
— o sono, sim, que me abandonava
— só uma lágrima.

Agora o exilado devora sua sombra.

Quem me esqueceu não deixou consolo:

Pranto nenhum pode consolar
quem já chorou com teus olhos.

SONNID

Um

Vendo, não mais que vendo
mover-se, articulando

sons,

tua pequena, tenra
em seu recorte macio,
desejada boca,
sofro teu beijo

na distância
dos meus lábios
ressequidos.

E bebo o ar;
maldizendo esse lapso,
em meu querer
de tua carne pétala,
meu amor.

Cinco

Já, não menos que já,
ordena o coração
sobre todos poréns. Um
subsiste. Aguardo. Essa
adversa e ativa circunstância
faz, escura, brilhar-te
mais meus olhos

pela pena (que me deste)
com que agora escrevo
(não o anel).

Dito o desdito
(mesmo de vidro o quero),
insisto, canto —

casto seja o teu gesto,
não haverá de rocha
um peito

Dois

Sorris.

Reparo nos teus dentes,
tão pequenos;
uma ligeira mancha
tisna os incisivos.
Mas nada penso.

Sorvo-te,

nesses momentos fugazes
em que (mal) nem
posso-te amar.

Entre nós, tanto aço,
nem tanto pela extensão
que nos separa.

Vai, verbera, fala; arreda
esses sonhos,
esses bandidos,
se puderes.

Seis

Doucement,
avec le bout des doigts,
soit la caresse —
les recherches d'amour
sur le papier
point ne peuvent se cacher
de la tendresse.

OS

ILDÁSIO TAVARES

13

é professor, jornalista, contista, poeta,
com vários livros publicados, entre eles, Imago.

EXU

Três

Cintilar, hei de ainda ver —
nem que trêmula
e fugaz —
nos teus olhos,
a luz do desejo.

Saberemos assim,
gozaremos, os dois,
e que somente eu,
nessas tardes de inverno,
acalento em silêncio.

Quatro

Es muy temprano,
todavía
no se callaran los pajaros
nocturnos. El sol,
en los caminos tibios
de mi rostro,
ahuyenta restos de sombra.
Te quiero. Ni
siquiera se porque

lo dice; pero
te quiero; te quiero
mucho mas
en esta mañana que no viene.

Oito

Sôfrego e ansioso,
tenho-te
tenho-me
no leque em crispção.
E, logo, mal contendo
o soluço
feito espasmo,
até render-me frouxo
ao frio;
À solidão.

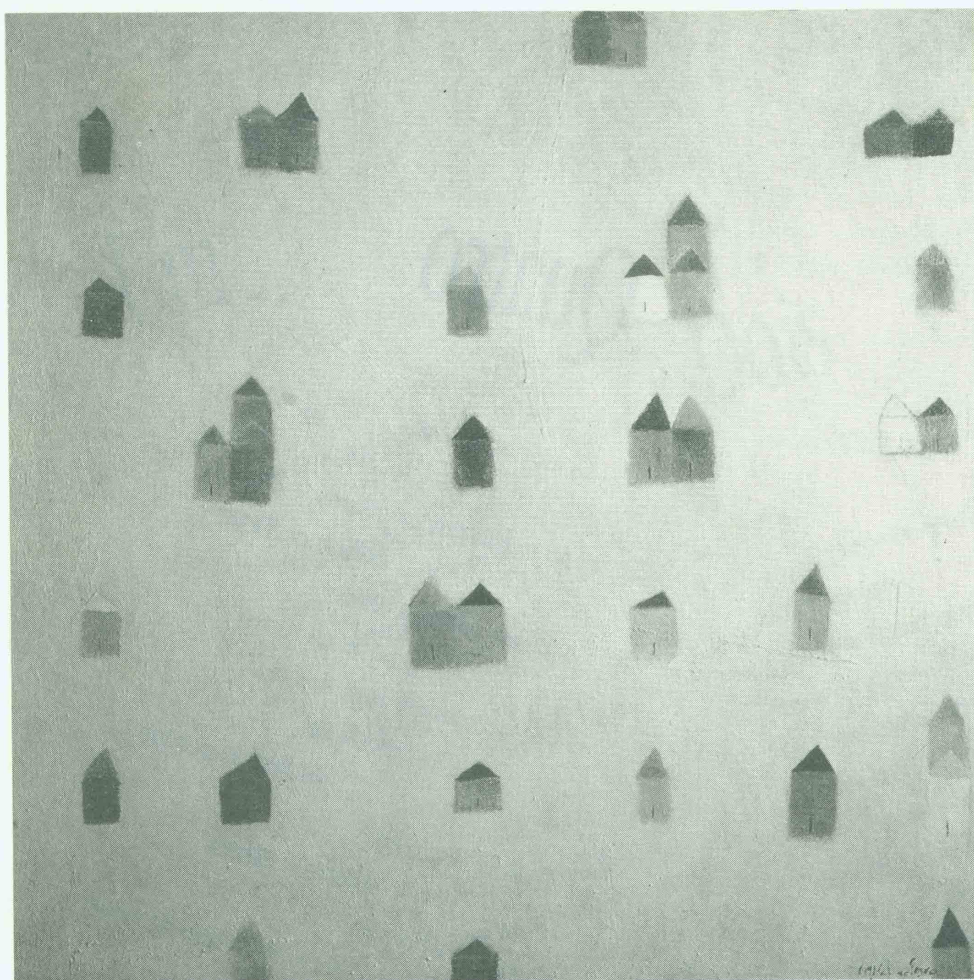
Essa distância; esse tempo de não
comigo mesmo eliminei-os —
foste minha, mas não
singrou-te a pele
meu vaivem pressuroso.

Sete

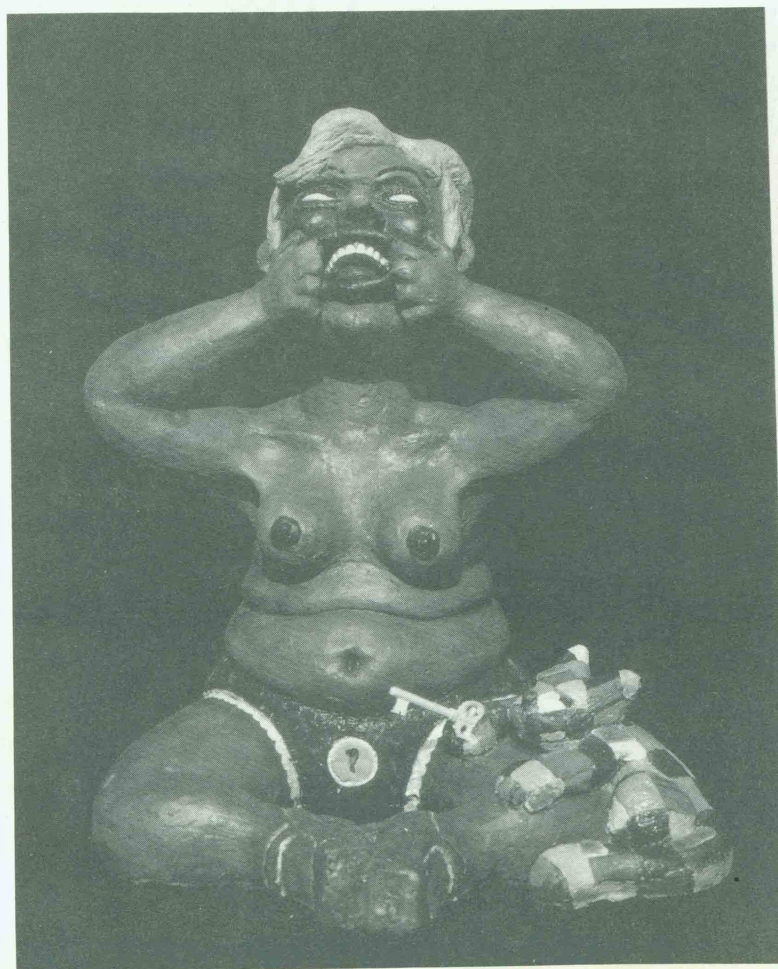
Nenhum regozijo tenho —
noites de outono
solitário,
indeciso —
nas que fizeste possíveis
por não te dares,
mulheres
que me acederam o leito.

As maldigo todas, todas,
enquanto ausente gozo
de seus corpos estivais
na frieza de mim.

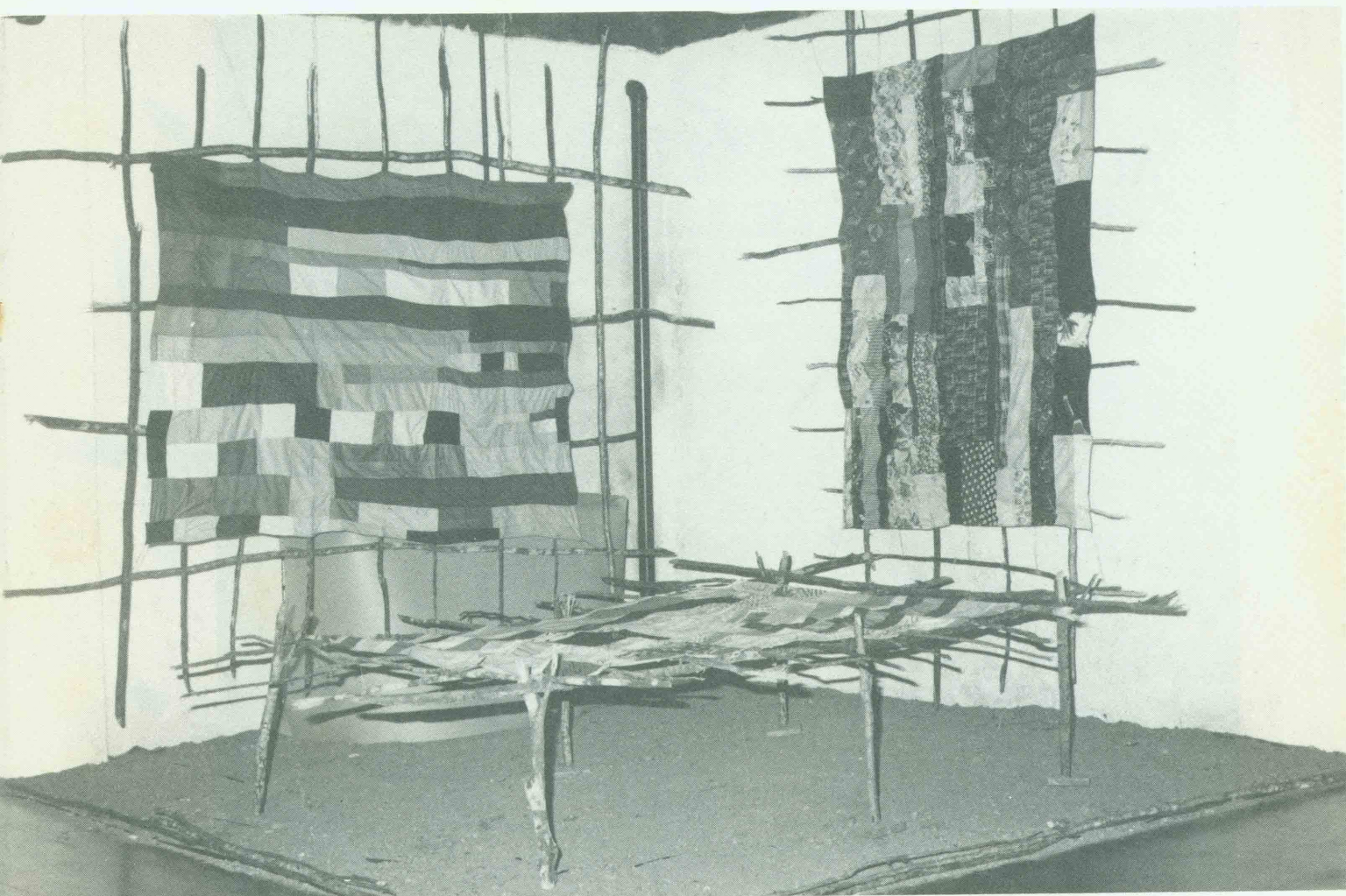
EXU



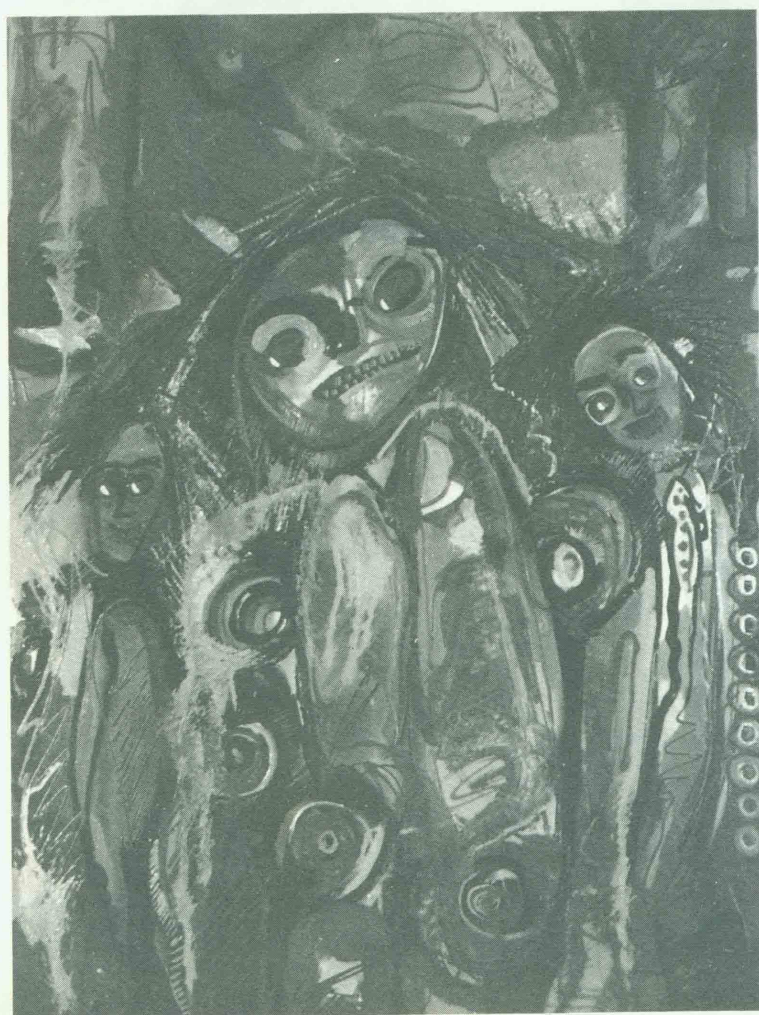
FÁTIMA TOSCA - Pintura
Título - Jogo III
Técnica - Acrílico s/tela
Dim. 1,00mx1,00m



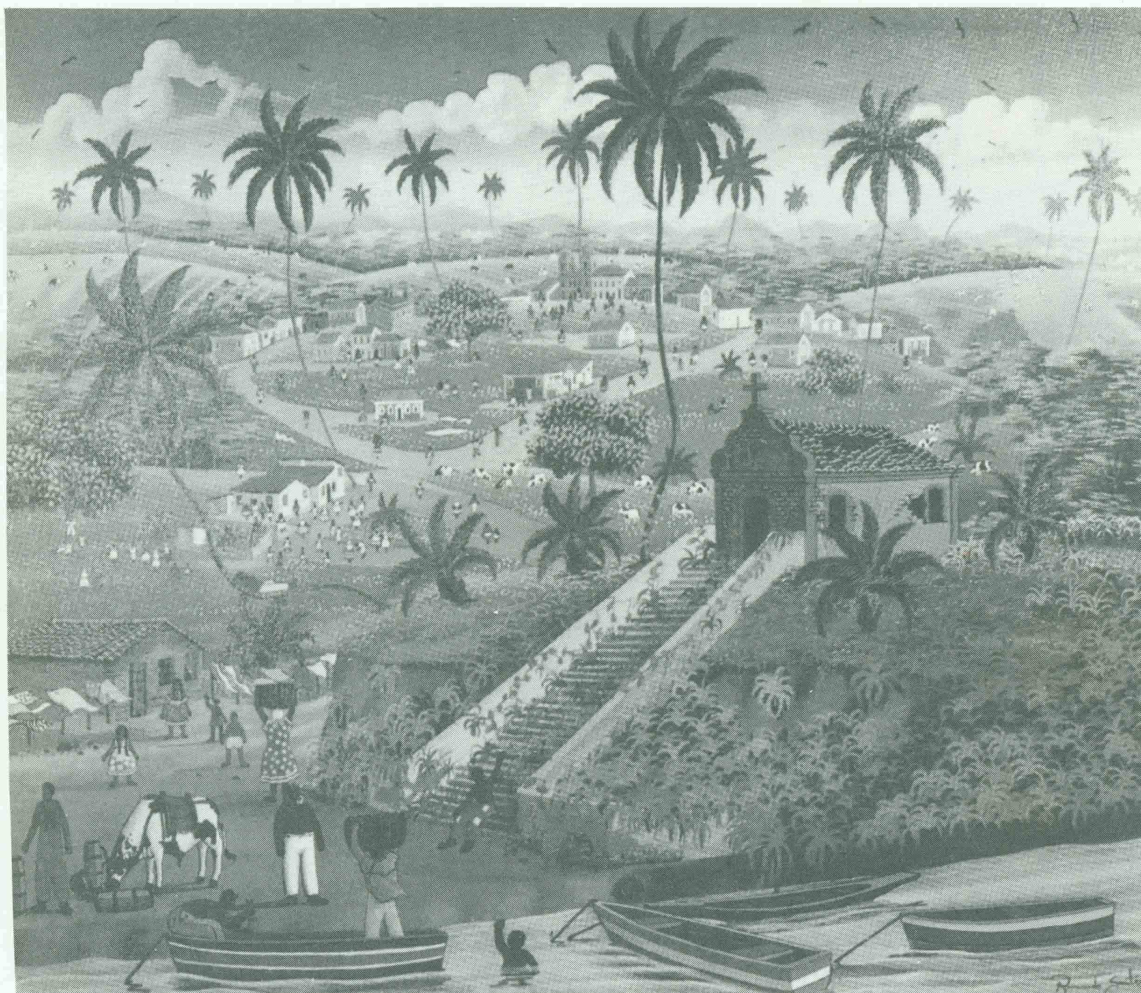
MAREPE - Escultura
Título - 36, A Virgem
Técnica - Concreto
Dim. 60cmx43cm



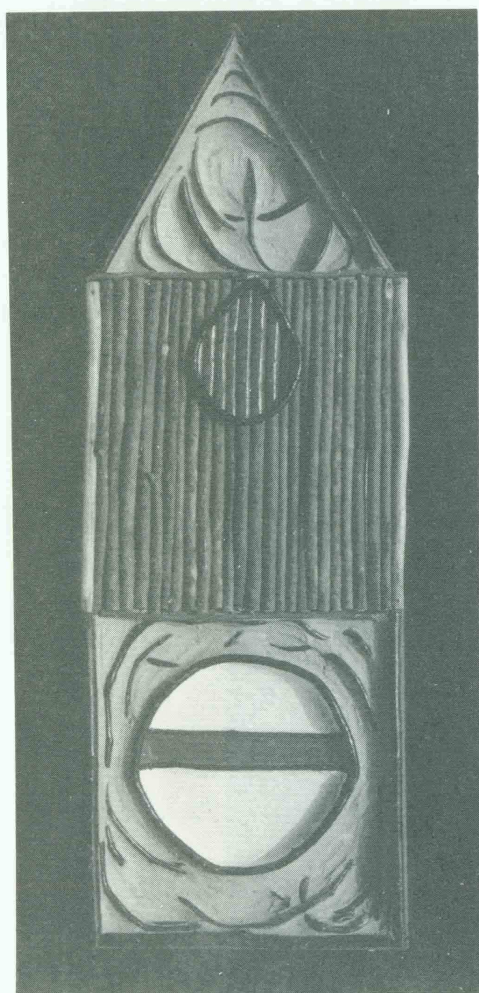
WASHINGTON QUEIROZ/GUACHE - Instalação
Título - Projeto Retalhos



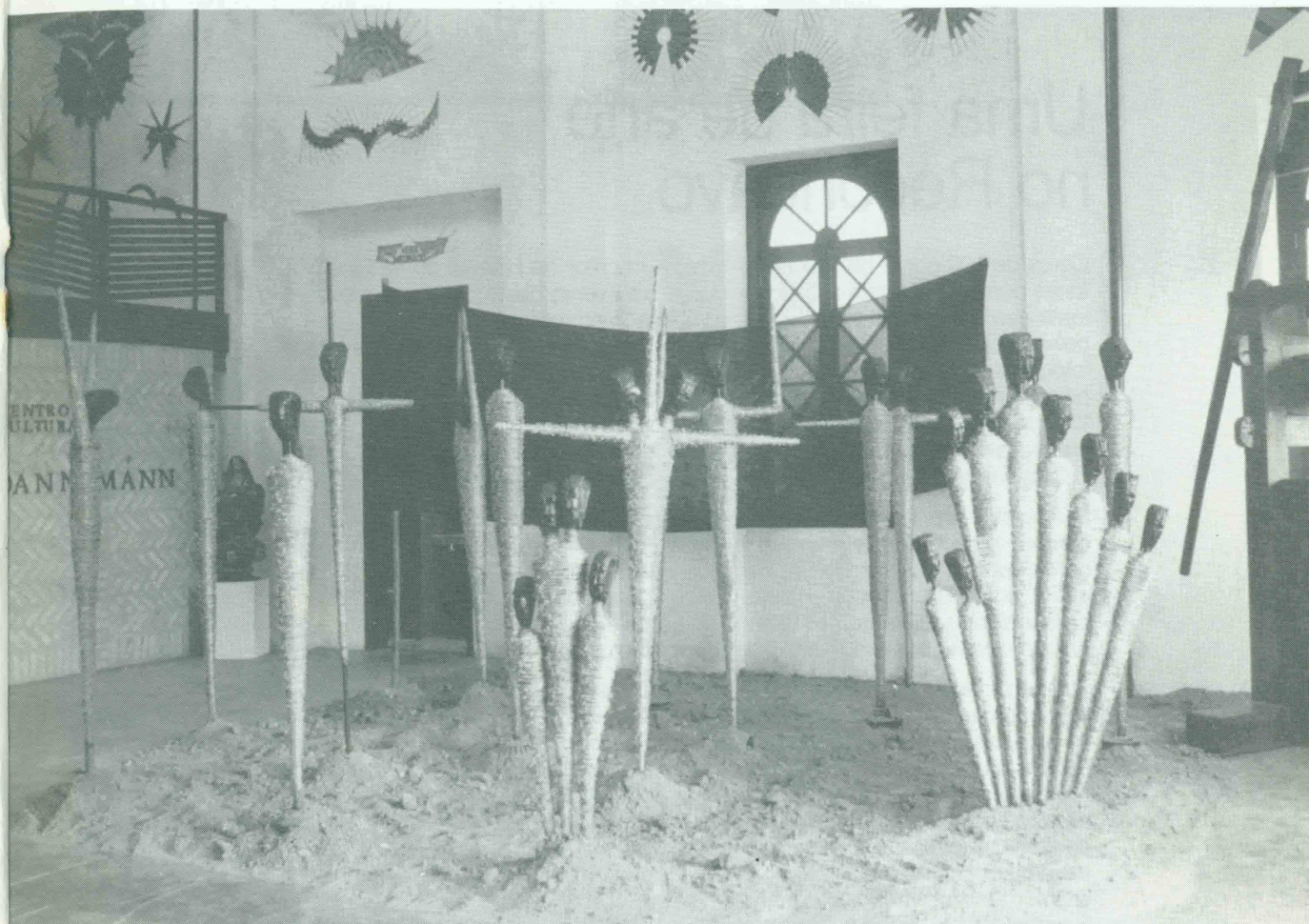
NELSON MAGALHÃES FILHO - Pintura
Título - Morte pelo Sonho I
Técnica - Acrílica, esmalte sintético e laca acrílica sobre madeira
Dim. 1,17cmx77,5cm



RAIMUNDO DOS SANTOS - Pintura
 Título - Festa de Candomblé
 Técnica - Acrílico sobre tela



LOYOLA - Escultura
 Título - Casa de Exu
 Técnica - Taipa
 Dim. 1,60x56cm



XICO AUGUSTO - Instalação
Título - Sem Terra
Técnica - Arame farpado/ferro



LUIZA FRÔES - Novas Experiências
Título - Intelecto (Vô) e Stoklos (Vô)
Técnica - Papier Maché

Uma feira de arte no Recôncavo

Cerca de 900 obras de 341 artistas foram inscritos na I Bienal do Recôncavo. Estes números atestam a importância de um evento deste porte que movimentou tanta gente provocando um verdadeiro *frisson* no mercado. Não houve pré-qualificação das obras de pintura, escultura, desenho, gravura, tapeçaria, fotografia, vídeo, instalação e performance. Uma verdadeira feira onde o público pode apreciar desde obras mais qualificadas, até mesmo outras que nunca deveriam ter sido feitas. Mas, isto pouco importou porque a proposta da Bienal do Recôncavo era exatamente de mostrar o que aquela gente que habita o município de São Félix e outros da região está fazendo em arte.

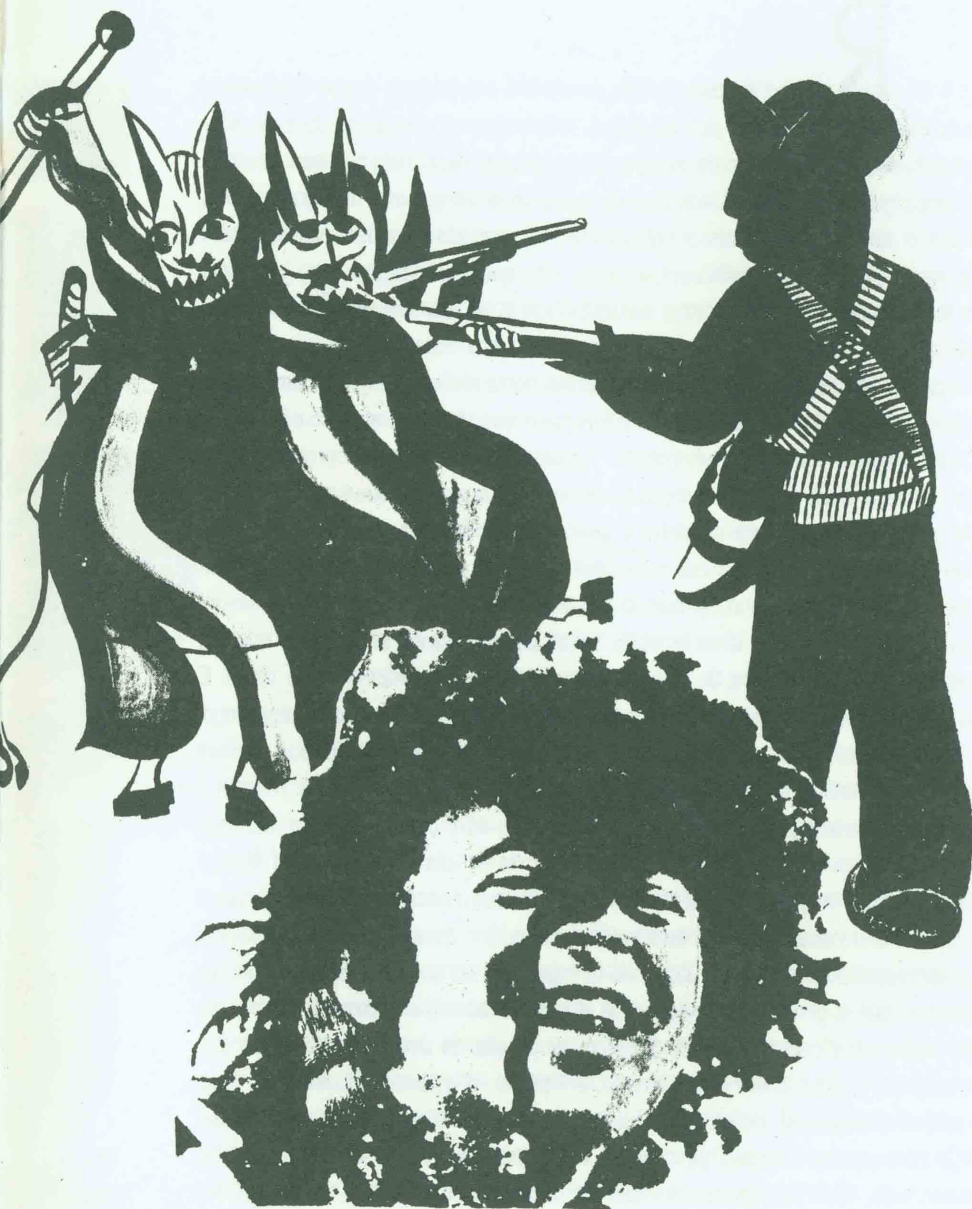
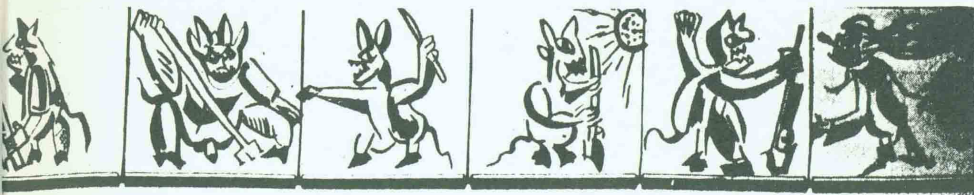
Particularmente, tenho dúvidas sobre o método de expor tudo que é inscrito, porque corre-se o risco de misturar "alhos com bugalhos", de colocar no mesmo nível obras qualificadas com outras não-qualificadas, servindo até de desestímulo para quem luta pela produção seletiva. Porém, devemos aplaudir a iniciativa dos organizadores, a Pedro Archanjo, diretor do Centro Cultural Dannemann, e principalmente aos empresários que apoiaram o evento.

Também destaco a importância de um centro cultural numa cidade do interior servindo como um verdadeiro *dinamo*, contribuindo desta forma para sensibilizar as pessoas e retirá-las da letargia ou mesmo do comodismo de uma vida pacata. Poucas cidades baianas contam com um centro à altura deste que existe em São Félix, e também, com gente disposta a trabalhar pela arte. Espero que esta Bienal se repita outras vezes e que também os métodos evoluam para que sejam expostas as melhores obras. Os autores de obras que não mereçam ainda ser expostas devem ser chamados a participar de oficinas de xilo, pintura, tapeçaria, escultura, enfim, das mais variadas formas de manifestação. Lembro, que no contato que tive com Pedro Archanjo, que estava acompanhado por Wasghinton Falcão, falamos sobre a importância de uma oportunidade desta para que artistas de outras regiões pudessem expor suas obras.

Acredito que os artistas que apresentaram obras mais qualificadas tenham sido vistos por marchands e outras pessoas diretamente interessadas na comercialização de obras de arte, como também, galeristas de Salvador.

Conhecendo este universo da produção de toda a região resta agora a seleção e a abertura, para outras regiões, tão carentes de eventos como este. Deixo de citar propositadamente nomes de artistas e de avaliar suas obras, porque não participei diretamente do evento e não pude portanto, colocar minha opinião sobre uma exposição aberta para todos os inscritos.





Soneto para Glauber Rocha

Te entrega Corisco
Na terra de Deus
que o diabo já vem
Ungir o teu rosto

No mar da Caatinga
Navegam as mortes
De um santo guerreiro
Dragão da Verdade

Do século falido
Idosas lembranças
Fecundam as tribos

Que a Idade da Terra
Deixou para o homem
No inferno da vida



Radinho de pilha colado ao ouvido, bandeira de quase dois metros numa das mãos, camisa vermelha e preta, número dez às costas, colada ao corpo molhada de suor, suor escorrendo por todos os poros, lá estava ele no meio da multidão de torcedores, espremido que nem sardinha na lata, nas arquibancadas, todos iguais a ele, todos torcedores do seu querido Mengo, mas não tão fanáticos, claro, que ele se considerava o número um, o mais doente, o mais apaixonado de todos. Não foi à toa que saiu de casa antes do meio dia, a mulher estrilando, não me diga que você vai pra esse jogo sem comer, não, essa não! Vai ter que comer um pouco, sim, senhor! Onde já se viu! Isso já virou obsessão! Não tá vendo que você não agüenta, homem?! Do jeito que vai, um dia acaba ficando por lá mesmo. Meu Deus, onde eu tava com a cabeça no dia em que me amarrei nesse homem! Devia tá louca varrida! Ah, mas ele foi durão com ela e deu um ultimatum: me amarro, mas não largo o meu Mengo. E ela nem pestanejou, a sabidinha, que não era besta de jogar pela janela um partidão daquele. Mas ele tinha que engolir alguma coisa, lá isso tinha, pra não complicar mais a situação, mesmo sem vontade nenhuma, que vontade mesmo ele tava era de se mandar logo pra o campo, pra se juntar à galera, pra se misturar com aquele mundão de bandeiras, tremulando ao vento, que visão mais linda, meu Deus, pra gritar a plenos pulmões, junto com aquela massa, capaz de levantar até defunto da cova, com o seu vozeirão consagrado: Men-go! Men-go! Men-go! Chegava até a dar um nó no gogó, de tanta emoção, só de pensar. E logo aquele jogo que era de decisão. Mal ele conseguia dormir em véspera de jogo do seu querido mengo. Não pregava olhos. E decisão de campeonato só de ano em ano. Virava de um lado pra outro, a cama parecia que ia pegar fogo, de tão quente que ficava. Levantava, tornava a deitar, levantava de novo, numa agonia dos diabos, danava pra fumar e tome cafezinho e aí era que a coisa engrossava de vez, que o sono não chegava mesmo e a mulher que não se atrevesse a procurar chamego, que ele não tava pra isso, outros dias, sim, até toda noite que ela quisesse, que ele é quem gostava mesmo da safadeza, mas em dia de jogo do seu Mengo, nem com guindaste a coisa levantava. A galera estava mais ouriçada do que nunca. O Mengão precisava vencer para ser campeão. Só a vitória interessava. E já tava todo mundo com o coração na mão. Um locutor da oposição, que só podia ser, espalhou o boato que Zico não ia jogar, que só quando assinasse contrato e coisa e tal, essas mumunhas, que a gente percebe logo que é papo-furado, que é conversa mole, pra boi dormir. Logo o galinho, sinhô, esse cara tá é louco! Soltaram uma baita de um balão, de quase três metros de altura, todo vermelhinho e preto, cheinho de coração, um primor, e o danado quase pega fogo, mas não pegou, que São Judas Tadeu tava ali mesmo, pra não deixar que tamanha desgraceira acontecesse, porque se pega fogo, nem é bom pensar, mangalô, pé de pato, três vezes, dava um azar dos diabos. Até que ele não era supersticioso, não, mas, por via das dúvidas, só ia pra o campo metido na camisa dez de seu ídolo, ídolo da massa rubro-negra, o galinho, o cracaço de bola, o maior jogador do mundo, que ele conseguiu arrebatar, um verdadeiro milagre, sinhô, num final de jogo, sabe lá como, embolado no meio de uma turma enfurecida e disposta a tudo, mas ele foi mais ele e ali tava com ela inteirinha no corpo, estiradinha como uma luva, e sempre haveria de tá, com os poderes de São Judas Tadeu, protetor do seu Mengão. Olê, Olá, o Mengão tá botando pra quebrar! Olê, Olá, o Mengão tá botando pra quebrar! A cantoria comia solta, que orquestração maravilhosa, chegava até a dar um arrepio, que subia pela espinha até o pé do cabelo e ele cantando, berrando, pulando que nem índio, em dança de guerra, rouco que nem buzina fanhosa, o gozo correndo solto em cima da torcida adversária, que também dava o troco, mas não chegava nem de longe aos pés da sua, que tomava quase todo o estádio. O alto-falante começou a bradar a escalação

do seu time e a cada nome de jogador, parecia que tudo vinha abaixo, tal era a algazarra, e quando dizia os nomes dos jogadores do outro time, era aquela vaia. Esse é perna-de-pau, pipoqueiro! Ele xingava e gesticulava e ria e gozava. O juiz entrou em campo e Úúúúú! Uma estrondosa vaia explodiu. O negócio é cair logo de pau em cima do bicho, pra escorraçar. Lá vem o Mengo apontando na boca do túnel, lá vem! As bandeiras agitam-se, velas coloridas enfunadas ao vento, a dele a mais alta de todas, quase tocando no céu, que exagerado. Mengo! Pá-pá-pá, Mengo! Pápápá, Mengo! Mãos e pés batendo firmes numa só cadência. É uma loucura. Verdadeiro delírio. Os jogadores entram em campo, os repórteres cercam, mil flashes espocam, a multidão vibra, faz tremer os alicerces de concreto, e ele já está que não aguenta mais falar nada, rouquidão e emoção, tudo uma coisa só, e já estava tudo pronto para o início da partida. O juiz apita, Priiiii! Ele faz o sinal da cruz e se levanta e se senta e esbraveja e cala, coração aos solavancos, baque-te-baque, o grito de gol engatilhado na garganta. Dez minutos de jogo, Zico pega na bola, passa por um, por dois, entra na área, vai marcar, meu Deus, é agora, e é aterrado. Ladrão, sem vergonha! Viado! Sacana! Esse filho da puta não marca pênalti! É coluna do meio! Safado, vá roubar a sua mãe! E ele já a ponto de dar um troço, os bofes quase saltando pela goela. Zi-co! Zi-co! Zi-co! Um coro só. A falta foi batida e a bola raspou o travessão. Por pouco, muito pouco, muito pouco mesmo, dáaaaa-lhe, garoto! Vibrou um locutor, torcendo, claramente, para que a bola tivesse entrado, aquele, sim, era dos bons, era dos nossos, e ele fulo de raiva, porra, diminuía o tamanho dessa trave, só pode ser. Uma escapada do ataque do time adversário, pelas pontas, numa bobeada da defesa e quase ia tudo pra o beleléu. Júnior, seu desgraçado, você me mata! Bola ia, bola vinha, o Flamengo mandava em campo e nada de sair o gol, o galinho estava no seu dia, nossa mãe, engolindo a bola, fazendo gato e sapato de seu marcador, coitado, e tome-lhe pernada, sarrafada, rabo de arraia e o escambau, assim não dá, e ele a ponto de arrancar os cabelos pela raiz, alucinado, de pé o tempo todo, sentar pra quê? Nu da cintura pra cima, camisa enrolada numa das mãos, e numa descida rápida, com uma cabeçada fulminante, aos quarenta e dois minutos do primeiro tempo, Zico faturou o primeiro. Loucura. Delírio. Jogou o rádio para o alto, bandeira idem, beijou a camisa, ajoelhou-se, riu, gargalhou, fez cara de choro, gritou como um desvairado, goooooooooo! Cambaleou, segura daqui, segura dali, tremeu, como se de repente faltasse forças nas pernas, foi arriando, emborcando, começou a ver tudo turvo e não enxergou mais nada e apagou de vez. Pega o homem, gente, deita ele de barriga pra cima, afasta, gente, sai de cima, o bicho precisa respirar, abana, abana, acho que não vai adiantar, a coisa parece que é feia, é melhor chamar a ambulância, leva pra o posto médico. Carregaram-no nos ombros, desacordado, boca escancarada no grito de gol, respiração quase sumida, mais morto que vivo. Dessa, esse cara não escapa, pago pra ver, vaticinavam. Escapou. Acordou meio grogue, abraçado à camisa número dez, sem rádio, sem bandeira, e foi logo perguntando, afoito: o jogo, o jogo, cadê o jogo, como é que tá? Calma, rapaz, güenta as pontas aí, socorreu-o um enfermeiro, tranquilizando-o: o jogo já acabou e o seu time venceu. Um a zero. Peraí, você quer dizer que eu fiquei esse tempo todo estirado aqui, feito um maricas, enquanto meu Mengo se desgraçava em campo? Essa não, esbravejou, possesso. Que droga de remédio vocês me deram? Isso não podia acontecer logo comigo, não podia!... Choramingou, feito criança. Agarrou-se à camisa, mais conformado, alisou-a com carinho, éta, camisinha sortuda, falou, sorrindo, todo feliz da vida, agora é partir pra outra, nêga, que esse título já tá no papo. Vestiu-a e saiu, todo orgulhoso, bradando a quatro ventos: Gente, hoje é o dia mais feliz da minha vida! É hoje que eu não durmo! Vou é beberorar a vitória do meu Mengo! Mengoooo! Mengoooo!

*nasceu e vive em Itabuna, Bahia.
Advogado e escritor, possui várias publicações,
a destacar, Berro de Fogo, Violentos e Desalmados.*

Bico

Na tarde com nuvens cinzentas, segue o homem em direção à rinha. O corpo inclinado para o lado direito, o passo capenga, caminha em lances rápidos com o vento em lufadas frias a penetrar-lhe as entranhas. A face esquerda com grande cicatriz. Uma ferida que, se ficou fechada naquele ponto de seu corpo, continuou aberta na alma, trazendo-lhe a lembrança de um golpe de facão. Golpe sujo desferido por um trabalhador de roça no instante crítico da discussão. Um peste com quem não tinha chegado a certo acordo para indenizar uma roça de cereais. Marca torturante num ponto obscuro, a ferida constantemente queimava pensamentos em desordem. Tão feroz amanhecia em seu (a)talho que parecia alimentar-se das chamas do inferno. Lançava-se sobre ventos agitados, somente a muito custo se acalmava sob imensas vagas de tristeza. Nunca conseguiu se vingar daquela afronta, passando a levar por desvãos e sobressaltos uma marca inapagável que tanto o humilhava, no próprio rosto via-se reduzido à condição do verme mais inferior que por acaso existisse na cidade. Os olhos das pessoas eram setas venenosas que ocultas acertavam no alvo de sua dor.

Como sempre acontece quando vai à rinha, a cadela faz-lhe companhia, ora adiante, ora atrás. O animal está no cio e atrai alguns cães, impacientes, ofegantes, formam o agoniado cortejo do sexo. De quando em vez a cadela investe contra os cães, esganiçantes recuam embaralhados, o mais feroz bota os ouvidos para fora do caminho. Pernas andarilhas logo retribuem a trilha sedenta, novamente se refaz o cortejo inquieto. O homem até acha graça com as investidas da cadela, a cadência persistente daquela marcha sedenta e faminta. O rosto mostra-se descontraído, embora o riso seja feio, um dos cantos da boca retorcido.

Carrega o homem seu galo brigador, invencível em tantas batalhas memoráveis, bastante respeitado nas rinhas por seus golpes incríveis, investidas fulminantes, fôlego inigualável. Fresca é a memória que guarda como lembranças boas todas as vitórias de seu galo. Distantes e recentes, inúmeras as vitórias. Brigas que fizeram crescer seu patrimônio, com terrenos, casas, animais de raças e roças. A última briga,

por exemplo, ainda balança no calor embriagado de seus olhos. Foi quando os apostadores passaram a falar em bruxarias, que seu galo tinha o corpo preparado com feitiço, era apadrinhado pelas asas do demônio. Tropa de invejosos, bando de safados, lote de cachorros. T'esconjuro! Verdade que naquela luta o medo envolveu-lhe o corpo todo, o sangue frio a correr nas veias, olhos amedonhados seguiam os movimentos de Rompe-Fogo que se acovardava sob as asas do rival. Não havia esperança de vitória, logo cedo Rompe-Fogo se mostrou de bico aberto, as pernas inseguras se esquivavam da porfia a todo instante. Os apostadores irrompiam em gritos e vaias, sabiam que naquela luta tinha ele apostado a melhor de suas fazendas. Súbita e violenta, uma esporada fora a sua salvação, o bastante para liquidar com o outro galo. O bicho nem teve tempo de piar, a crista partida ao meio, os olhos melando sangue. Não perdera a melhor de suas fazendas, como muitos galistas desejavam, ao contrário ganhara a Bela Nova. Como essa fazenda, poderia haver por ali igual, mas nunca melhor. Agora próximos estão os momentos de uma luta bem difícil, que durante a semana se revestiu de grande ansiedade: contra outra fazenda, ele apostara a Bela Nova. Mais uma vez, segue para a rinha confiante em seu galo, certo que terá outra vitória, circunstância que já se tornou rotina em sua vida de galista. Por isso mesmo muito se orgulha das artes guerreiras de Rompe-Fogo, valente, incansável, seus golpes inesperados e fatíveis. Para Rompe-Fogo, afamado como brigador imbatível, todos os cuidados eram poucos: veterinário competente, ventilação boa no jigo, ração bem apurada, programa meticuloso para os treinos na semana. Não gostava de pensar no dia em que se galo deixaria de brigar nas rinhas e, quando isso acontecesse, certamente já teria assegurado um lugar de destaque na galeria dos campeões inesquecíveis. Ali, atrás da rinha, com honra e glória que só os grandes guerreiros possuem, perfil imponente, sua figura seria talhada numa escultura de mármore puro, a lembrar a passagem sem igual de um brigador imbatível.

Rompe-Fogo é um galo bem lançado. As coxas peladas e carnudas, fortes, os esporões como o bico de uma faca e zapt - lá ficou lancetado o inimigo. O pescoço rubro, as veias como cordões azuis, traços cheios de vigor que bem definem um brigador que não se cansa, porte firme de guerreiro que não se rende a nenhum golpe. No início, suas penas tinham a cor de um azul escuro, polvilharam-se mais tarde de amarelo-ouro pelas asas, como um leque curto o rabo semifechado. De seu peito guerreiro o canto repetido, longínquo, vibrando madrugadas sanguinolentas no momento preciso em que os outros galos clarinetam a noite solitária.

A Rinha Rodamundo fica próxima a uma das margens do rio. De lá chegam nesse instante vozes assanhadas e confusas. Como é de seu costume antes de entrar na rinha, o homem faz pequena pausa

e põe seu galo no chão. É o momento de pedir a vitória a qualquer preço, mais uma vez fez uma grande aposta, colocou em jogo a melhor de suas roças, passaria por uma situação dolorosa, caso fosse o perdedor na briga. Promete ao galo que finalmente essa será sua última briga, pode Rompe-Fogo ficar sossegado que está falando a verdade pura. De agora por diante, entre muitas coisas boas, vida de descanso no quintal, frangas novas, nada de treinos duros na semana ou ficar preso no jigo. Afinal, gratidão só com gratidão se paga. É quando subitamente um bico se abre ameaçador, como se quisesse dar um grito lancinante, um grito estranho que fica engasgado nesse instante, talvez abafado sob a densa pulsação de um peito solitário. Os olhos do homem e do galo se encontram através de um só olhar agudo e penetrante, circula no ar um silêncio apreensivo que é feito de imagens tenebrosas. Sombrios, temerosos, os olhos do homem. Sangüíneos, cintilantes, os olhos do galo. O corpo do homem sabe sensações de um vento gelado que desce em sua espinha como lâmina afiada, seu olhar parado como se estivesse hipnotizado pelo olhar estranho do galo.

Seria real ou mau pressentimento o que agora ele está sentindo?

Hoje, por sinal, a rinha foi engalanada com cuidado. É dia grande, dia de festa, dia de torneio. Hastearam a bandeira muito cedo, as cores vermelha e branca, com a figura de um galo negro no centro, tremulam no mastro alto. O zelador da rinha, um dos bons entendedores de briga de galos, não sossega um só instante. Anda de um lado para outro e está sempre a soltar seu vozeirão, sem dúvida a última briga vai ficar gravada na história da Rinha Rodamundo. Não percebe o pessoal que só mesmo um louco botaria seu galo para brigar com Rompe-Fogo? Há muito tempo que Rompe-Fogo não encontra nessas bandas outro galo pra topar uma briga com ele. Embora seja de seu conhecimento que o adversário de Rompe-Fogo é um galo muito brigador, firme nos golpes, gosta de bater embaixo do pescoço para fulminar com o inimigo. É um galo forte, muito ligeiro, terrivelmente aguerrido. Os galistas inquietam-se com as observações do zelador da rinha, muitos deles vieram de cidades distantes onde corre também a fama de Rompe-Fogo como um brigador ousado, de façanhas incríveis e vitórias memoráveis.

Quando se referem à Rinha Rodamundo, os galistas mostram-se orgulhosos, não existe nada igual naquelas redondezas. Construída em círculo, toda murada, nas arquibancadas acomoda-se o pessoal que faz as apostas menores, gente humilde que alegra algararra nos dias de torneio. Cadeiras de cimento contornam o tambor, lugar destinado às brigas das aves. As cadeirinhas de cimento trazem no encosto os nomes de seus donos, nelas sentam-se galistas afamados, alguns deles participaram decisivamente na construção da rinha. Durante a briga das aves permanecem de olhos inflamados, alguns nervosos, outros com a fisionomia grave. Há os que se traem no gesto pálido, quando percebem que seu galo caminha para ser derrotado. Fogueados de vício, rutilam rudes rostos, caretas horríveis, vozes enfurecidas com a briga das aves. O contentamento envolve a todos, quando os galos aparecem armados, os esporões cobertos de minúsculas lanças e zapt - mais um peito golpeado que tomba para a morte. O galo é esconjurado pelo dono, os apostadores vitoriosos se descontram em risos demorados, mangação e bate-bocas, pois galo derrotado só serve mesmo é pra fundo de panela. Manhã e tarde puxam as brigas que assanhadas se sucedem. As horas passam num momento único, de gritos embaralhados, ventos enfurecidos, vozes que se entrecrocavam nas cargas explosivas do ar. Presos às cenas que se repetem na rinha, nunca estão satisfeitos com as brigas das aves, nem dão conta quando a cidade se ilumina no vale. As apostas maiores são reservadas sempre para a última briga, a que provoca comentários acalorados, o bate-boca que nunca termina.

Completamente desligados da penúltima briga, os galistas já não se importam com aquelas aves que inseguras nas pernas se esfalfam no centro do tambor. Logo anteviram o empate na briga, com aquelas aves tropeçando nas pernas, fracas de golpe e pontaria. Uma infelizes que envergonham qualquer galista que se preze, com aqueles bicos abertos de cansaço, não se sabe por que ainda botam umas nojuras dessas pra brigar em dia de torneio, observa um dos apostadores com a cara de repúdio e nojo.

Finalmente quando é anunciada a última briga, há um silêncio súbito que perpassa a última canto a canto... Uma certa atmosfera que se reveste de confiança na vitória. Muita ânsia e expectativa num clima até certo ponto festivo que empolga. Os galos pisam nos pratos da balança. Igualam-se em idade, peso e tamanho, suas façanhas mais incríveis vão sendo anunciadas. O outro é um galo negro, unhas recurvas, bico pontiagudo, pulam faíscas nos olhos de assassino.

Borrifadas de água, as aves são lançadas para o centro do tambor: vôo de fúria impulsiona pernas céleres de guerreiro. Rapidamente recuam e voltam com as cabeças agitadas, peitos nervosos se chocam no ímpeto da primeira investida. Encaram-se com os bicos agoniados, duramente se entreolham. O galo negro passa a sondar o melhor ponto para fulminar seu inimigo. O pescoço inflamado, o bico que é uma arma perigosa, os esporões afiados. Uma forte esporada atin-

ge a cabeça de Rompe-Fogo, golpe desferido no lado direito, o peito como se fosse aberto em chamas. Sente Rompe-Fogo as trevas aparecerem em seus olhos. Os apostadores irrompem excitados, vozes são como pequenas lanças que certamente instigam os dois galos ao combate. Os galistas que apostaram em Rompe-Fogo surpreendem-se com seus movimentos indecisos, esquivando-se a todo instante dos ataques do rival, a pedir sombra a umas asas negras e pesadas. Duas cabeças nervosas cruzam-se e se tocam, peito que pulsa forte sente o bater célere de outro peito. Um se apóia no outro, como se nessa posição resolvessem suspender a briga. Os apostadores reagem revoltados e, como uma massa incontrolável, se levantam enfurecidos. Então os olhos de Rompe-Fogo circulam velozes pela rinha engalanada, seus ouvidos cheios de gritos captam vozes que em transe investem enfurecidas. O olhar sangüíneo de Rompe-Fogo encontra-se com o olhar apreensivo do seu dono, em cujo corpo volta a percorrer um vento gelado em suas camadas de medo. Será real ou mau pressentimento o que agora seus olhos estão vendo? A resposta chega rápida a seus olhos. Rompe-Fogo entrega-se à carga de golpes violentos do galo negro, desfechados como uma chuva de facas afiadas, lampejantes, impiedosas. Na rinha, com olhos de amargura, um homem segue os movimentos do seu galo, antevendo a derrota inevitável, estranha, terrível.

— Covarde!

— Puto!

— Corno!

— Acaba logo com esse cachorro!

Vozes estilham-se por todos os cantos da rinha, uma nuvem de raiva se arrebenta no peito de um guerreiro mutilado. Rompe-Fogo engrola o paço, como se ali descesse e subisse um caroço, descem filetes de sangue nos olhos anuviados e feridos. É apalhado por uma metralha de esporões, que fustigam e furam e lancetam. No pulo alto, o galo negro levanta-o numa nuvem escura. É quando um grito de dor irrompe na noite convulsa. Um grito de rendição que pela primeira vez se escuta na rinha, no instante supremo em que um velho campeão tomba derrotado. Rompe-Fogo deita-se sobre as postas de sangue, pernas trêmulas, peito sobe e desce, coração batendo fraco.

Pensando o galo negro, a mulata satisfação nos lábios, o homem, dentes falhos, gengivas carnudas, sujas de fumo. Ele nunca acreditou que Rompe-Fogo fosse galo com o corpo preparado com feitiço, protegido pela força do demônio, ora que pra um campeão só mesmo outro campeão, pois tudo que tem começo um dia tem seu fim aqui mesmo nesse mundo. Repete o homem a todo instante, olhos curiosos a sua volta estão a examinar e admirar o galo negro. Sabem os galistas que na Rinha Rodamundo um novo galo passa a ocupar o trono dos campeões, em pouco tempo irá chegar aos lugares mais longínquos sua fama de brigador invencível.

Do outro lado da rinha, triste, o homem aproxima-se do seu galo. Boca que se morde e fere, narinas nervosas, cabeça zangada. E, com a cara retorcida, como se fosse pocar a cicatriz antiga, num esforço extremo de mãos febris, o homem tenta torcer o pescoço do galo. Aquelas mesmas mãos que ganharam tantas apostas em brigas memoráveis do seu galo, e que pacíficas em si mesmas se bastariam em sua dignidade de não fera.

Os que ainda permaneceram na rinha viram uma esporada violenta nuns pulsos trêmulos e o corpo do homem se bater nas cadeiras de cimento.

E às carreiras porta a fora uma cadela precipitar-se, levando na boca um galo com o pescoço quebrado.

Seja dito a bem da verdade que até hoje ninguém entendeu como Rompe-Fogo perdeu aquela briga de uma maneira fácil. Como se entregou ao adversário sem a mínima reação, sem fazer qualquer ataque, sem se prevenir sequer na cobertura ante os golpes diabólicos do outro galo. Fosse lá o que fosse, contanto que caísse de pé como um grande guerreiro, sem se render ao inimigo um só instante. Teve um lance, por exemplo, que ele subiu com o outro galo numa nuvem escura e, quando retornou ao chão, esparrava-se que dali em diante fosse iniciar sua reação. Durante a briga inteira o que se viu foi ele se entregar a golpes violentos e contínuos. A maneira como perdera a briga era realmente muito estranha, principalmente em galo de sua fibra, e aqui estava o ponto nodal das indagações, que lutava até a última gota de sangue, e que por isso mesmo conquistou vitórias inacreditáveis. Nessas rinhas tão conhecidas e comentadas. Era como se houvesse escolhido o caminho da própria morte, como se na derrota fatal houvesse optado, quem sabe, pelo único caminho de se libertar de algo duradouro e opressivo. Incompreensível mesmo a maneira como se deixou ser derrotado. Por mais que se esforçassem, os galistas não encontravam um motivo convincente que explicasse aquela derrota que pairava no ar como uma dúvida grave.

Á saída da rinha, um apostador que sempre ganhava com as vitórias de Rompe-Fogo, inconformado, disse para o outro;

— Como eu, muita gente perdeu dinheiro hoje.

Ao que o outro galista concluiu com um rosto cheio de agressividade:

— Muita gente foi traída pelo peste daquele galo!

Cleusa Menina Na Cidade

Das Mulheres

Na nota à edição brasileira, Ruth Landes, após uma sucinta avaliação das mudanças ocorridas na sociedade em relação à presença dos candomblés como marco fundamental da herança africana e expressão do patrimônio cultural de todos os brasileiros, agradece a Edison Carneiro a sua contribuição na publicação do livro.

Desejo agradecer de todo o coração ao eminente scholar (e candomblezeiro) Dr. Edison Carneiro o cuidado e o interesse com que reviu, registrou e anotou esta tradução, em especial quanto a nomes de pessoas, costumes e particularidades locais. Desde o começo, em 1938-39, as minhas pesquisas muito se enriqueceram com a sua orientação e ajuda; mas as interpretações são de minha responsabilidade.

E no prólogo dessa crônica de costumes, de relevante interesse antropológico, a autora faz alusão ao apoio recebido do Conselho de Pesquisas em Ciências Sociais da Universidade da Co-

O livro de Ruth Landes **A Cidade das mulheres**, foi inicialmente publicado nos Estados Unidos em 1947 (Macmillan Company, New York) e somente vinte anos depois, em 1967, apareceu uma edição em língua portuguesa (Civilização Brasileira, Rio de Janeiro). Traduzido do inglês por Maria Lucia do Eirado Silva, desenho de capa de Mariu Lauritzen Bern, contém anotações de Edison Carneiro atualizando informações e alguns verbetes etnográficos que facilitam em muito a compreensão do texto.

lumbia, para em seguida ressaltar a intenção principal de sua obra.

Este livro acerca do Brasil não discute problemas raciais ali — porque não havia nenhum. (Certamente a autora se referia ao tipo de racismo que conheceu no Deep South e que provocava casos de odiosos conflitos raciais). Este livro, completa a autora, descreve, simplesmente, a vida de brasileiros de raça negra, gente graciosa e equilibrada, cujo encanto é proverbial na sua própria terra e imorredouro na minha memória.

A Cidade das mulheres é leitura obrigatória para quantos estejam interessados em estudar as diferentes nuances dos mecanismos utilizados pela população negra ao enfrentar setores da sociedade mais resistentes ao processo de instalação e sedimentação de valores africanos e afro-brasileiros, como elementos integrantes de um lastro sócio-cultural que define e particulariza a cultura baiana no cenário nacional.

Obra extraordinária pelo volume de informações e interpretações da vida cotidiana do negro no interior das emergentes comunidades religiosas afro-brasileiras. Trata-se de uma leitura, sem precedente, das relações intragrupo no interior de um terreiro, sem deixar de informar sobre o processo não muito fácil de estruturação das hierarquias de mando, as costumeiras intrigas sucessórias e a afirmação da autoridade sacerdotal como foi o caso de Menininha do Gantois, de quem Martiniano Eliseu do Bomfim dizia muito jovem para assumir responsabilidades sacerdotais.

De qualquer modo, não acredito muito nessas moças que dirigem os terreiros hoje em dia. O que elas querem é fazer dinheiro e arranjar homem. A maioria é muito moça para dedicar aos deuses. Afinal de contas Menininha tem só 42 ou 43 anos e o sangue ainda lhe corre quente nas veias. (p. 38)

Contudo, na avaliação de Martiniano a capacidade e o profundo conhecimento que possuía Menininha eram o bastante para superar a sua pouca idade, quando acrescenta:

Mas a experiência dela é das melhores porque foi treinada pela tia, Dona Pulquéria, que tornou famoso o templo do Gantois. Foi lá que o Dr. Nina Rodrigues realizou as suas pesquisas, o senhor sabe, e ele achava que não havia outra como Dona Pulquéria. (p. 38)

Na verdade, estava certo Martiniano ao referir-se à Menininha como detentora do saber fundamental da religião dos orixás. Disso ela dera prova durante o longo período em que esteve à frente do tão famoso terreiro do Gantois. Menininha angariou prestígio internacional e administrou a sua comunidade religiosa com grande poder espiritual e profundo conhecimento "das coisas da seita" herdadas e zeladas com tanto empenho.

Nos limites deste texto, pretendemos tão somente, agrupar, obedecendo a ordem da citação no livro de Ruth Landes, as referências à figura singela da menina Cleusa que já demonstrava um inusitado interesse pelas coisas religiosas, observando tudo de maneira muito cuidadosa e, assim, revelando inteligência privilegiada na absorção dos conhecimentos da liturgia afro-brasileira.

A primeira notícia a respeito de Cleusa aparece após um diálogo de Ruth Landes com o professor Nestor Duarte da Faculdade de Direito. Na época, de acordo com a informação de Ruth Landes, ele estava escrevendo um trabalho sobre a história da mulher negra no Brasil. Comentavam igualmente o problema de educação superior e do seu desdobramento na afirmação da mulher, o sentido de liberdade e independência com que a mulher negra administrava sua vida, sem desprezar o sonho de um casamento, o apoio de um homem capaz de lhe amparar e ajudar a criar seus filhos.

E Dona Menininha tem marido, Dona Ruth; o adotado chamado Álvaro Macdowell de Oliveira, um homem de compleição tão clara quanto a dela é escura. Têm duas filhas, Cleusa e Carmem, ambas claras, ambas estudando e ambas sacerdotisas, embora muito moças. Dona Menininha mesma se sustenta e estou certa de que suas filhas farão o mesmo, quando se casarem (p. 87)

Em outra referência Ruth Landes se detém na observação de certas características físicas e psicológicas da menina Cleusa; na atenção com que escutava a entrevista concedida por Menininha àquela americana tão atenta a tudo quanto acontecia naquele ambiente que lhe acolheu com tanto carinho.

Havia duas altas janelas que davam para a rua e Cleusa se recostava ao peitoril de uma delas, um pouco de lado, de forma que não pudesse ser acusada de me dar as costas. Permanecia ali, calada, desde o início da minha entrevista com a mãe. Como conversar com uma sacerdotisa-herdeira, de treze anos, distante e indiferente como parecia? Assemelhava-se a Menininha, embora de tez mais clara, e ia pelo mesmo caminho da mãe. Era muito bem nutrida, o seu formoso rosto brilhava e o seu corpo pesado se adivinhava no vestido curto e justo. Dizia-se que o pai desejava formá-la em odontologia, o que, no modo de pensar dele, não era incompatível com o sacerdócio no Gantois.

Pusera as filhas numa escola particular e para isso lhes dera vestidos modernos e atraentes. (p. 96)

Dirigi-me à outra janela para ver o que estava absorvendo a atenção de Cleusa.

— Gosta daqui? — perguntei-lhe de repente.

— Gosto — replicou, esquivada.

— Ela fica aí toda a tarde — comentou outra menina na sala. (p. 97)

Da longa citação, acima, podemos ressaltar duas informações essenciais ao futuro projeto existencial da menina Cleusa. A primeira diz respeito ao seu destino já traçado, como herdeira sacerdotal, substituta de sua mãe Menininha quando a hora fosse chegada. A segunda, do manifesto cuidado de seu pai, Dr. Álvaro, ao desejar, para benefício de suas filhas, uma educação de qualidade sem prejuízo dos compromissos formais já assegurados na estrutura religiosa do Candomblé do Gantois.

De acordo com Ruth Landes, o lugar onde se encontravam, certamente a residência de Menininha na cidade, era privilegiado para observar o movimento da rua e os transeuntes que vinham da Cidade Baixa. Ao passarem duas mulheres, elegantemente bem vestidas, Cleusa observou-as com admiração enquanto elas esperavam que o tráfego parasse. A menina Cleusa certamente estava encantada com os trajes daquelas senhoras que na expressão de Ruth Landes denotava riqueza e dignidade.

Que morena bonita! suspirou Cleusa para a moça que estava na sala, que se acercou dela para ver. — Que boa pele! Que cabelo preto! Que linha! — Acompanhou a senhora com o olhar até que atravessasse a larga praça, passasse além da Faculdade de Medicina e entrasse na velha Catedral, logo adiante. — Acho que vai se confessar! — riu-se Cleusa.

Ao final do capítulo, Ruth Landes revela-se nostálgica, se espanta com a rápida chegada da noite tropical e se sentindo sozinho, assegura:

Todos me ignoram polida, cautelosamente. Percebi de repente, a minha estranheza e saí, murmurando um adeus para a silenciosa e vigilante Cleusa. (p. 97).

Talvez estivesse Ruth Landes diante de uma reação típica da população simples da Bahia de outrora que ao deixá-la inteiramente à vontade, aparentemente esquecida — o que de certo não acontecera —, dava sinal de aceitação de sua presença naquele ambiente.

Ruth Landes só volta a falar de Cleusa, quando comenta a situação de Hilda, na época grávida de Rodolfo Manuel da Costa, velho Ogã do Gantois, e as observações de Menininha quanto às responsabilidades delas para com a seita. Recorda o que dissera Martiniano quanto à falta de mulheres idosas prontas para o sacerdócio. E, sobre isso, comentou Menininha:

E em breve não haverá nem mesmo jovens aptas. Devo submeter as minhas filhas à nossa dura disciplina e responsabilidade? Álvaro e eu brigamos sobre isso agora. Ele diz que elas têm sangue branco demais, da parte dele... Ele quer que Cleusa seja dentista e Carmem professora. Temos de decidir porque elas já estão crescidas — uma com 13, outra com 10 anos. Imagine se elas se casam. (p. 173)

Em outro trecho do seu livro Ruth Landes comenta as reuniões dançantes, realizadas no Candomblé do Gantois, sem nenhum compromisso religioso. Aliás, é muito comum mesmo hoje em dia a utilização do espaço do barracão para as festas e encontro sociais de toda natureza. Não existe propriamente um processo de profanização, o espaço se sacraliza durante os rituais, podendo ser utilizado para outros fins sem prejuízo do seu conteúdo sagrado.

De toda maneira, era durante essas festinhas familiares que os dois mundos se encontravam, produzindo assim uma convivência social que facilitava o encontro de valores os mais diversos oriundos de mundos aparentemente contraditórios. As jovens dos candomblés aproveitavam essas oportunidades para se atualizarem quanto ao que se passava na sociedade, crescendo ou fomentando o desejo por coisas tipicamente profanas e que lhes despertavam grande interesse.

E o uso do rouge e o cabelo espichado eram severamente discutidos em tom de censura pelas mais velhas, que consideravam uma permissividade inaceitável e que não se adequava às pessoas com responsabilidades sacerdotais.

Muitas eram as discussões entre Menininha e Cleusa quanto ao uso do rouge, pois mesmo no Gantois, os tempos modernos estavam chegando (p. 214)

Ruth Landes relata os preparativos do Gantois para o Axexê de ano do Ogã Bibiano Cupim, padrinho de Cleusa. Parece ter encontrado certa resistência do grupo quanto à sua participação em cerimônia tão fechada dos candomblés da Bahia. Mas o certo é que ela esteve presente e ficou atenta ao que se discutia nos intervalos do ritual. E uma discussão sobre a possibilidade de volta de um orixá de uma pessoa falecida em outra pessoa da família, como uma espécie de herança sagrada, parece ter ocupado o tempo dos circunstantes.

Foi assim que Menininha soube que a sua filha Cleusa pertencia a Nanã, pois, embora nunca tivesse baixado em Cleusa, os búzios tinham revelado, na mesa divinatória, que a avó da menina, que era de Nanã, se reencarnara nela (p. 243)

Das observações de Ruth Landes, durante o axexê de Bibiano Cupim, uma é bastante expressiva do cuidado de Menininha em relação à posição de suas filhas na estrutura religiosa do grupo:

Nesta ocasião, conta Ruth Landes, Menininha não saudou ninguém até que suas filhas e berdeiras Cleusa e Carmem (despertas de pesado sono sob uma mesa) lhe pedissem a benção. Então ela as prestigiou, tocando o chão e depois a testa em retribuição (p. 254)

Em seguida faz um relato da participação de Cleusa naquela cerimônia e se impressiona com sua habilidade em dançar para os deuses, com gestos e desenvoltura de gente grande.

Cleusa demonstrou dons fora do comum. Os seus movimentos eram graciosos, apaixonados e desembaraçados — provavelmente porque do mesmo modo que a mãe, vinha dançando desde que começara a andar. Executava bem os diferentes estilos sagrados, como o demonstrou quando chamada a substituir outra pessoa. A sua deusa era idosa e fria Nanã, cuja morada fica nos tenebrosos abismos das águas mais profundas (p. 254)

Assim descreveu Ruth Landes, Cleusa a menina de Nanã. Hoje feita mulher, mão de filhos e filhos-de-santo, com a mesma doçura de sua saudosa mãe Menininha, dirige, com o seu grupo, os destinos do Gantois. Em cada gesto seu, uma lição de ternura quicá aprendida naquelas longas noites embalada pelo som dos atabaques e o carinho constante da família.

Agosto

De **5 a 9**, das 8 às 11 horas, em seu auditório, a Fundação Casa de Jorge Amado promoveu o curso de **Conservação de Acervos Fotográficos**, com a professora Zeny Duarte de Miranda Magalhães dos Santos.

O programa do curso abrangeu desde as técnicas fotográficas e estruturas de imagens aos processos de deterioração física e química destas, mostrando quais os níveis de intervenção e salvaguarda, o tratamento adequado, o acondicionamento dos acervos, a técnica de limpeza e estabilização para uma efetiva conservação, e os meios de reintegração dos acervos aos arquivos e outras medidas que devem ser tomadas para que os arquivos fotográficos tenham uma vida útil diante do tempo, umidade, e as intempéries naturais que destroem os negativos e as fotos.

Na **EXU n° 21** foi publicada uma cronologia da vida do poeta Gregório de Mattos e Guerra, da autoria de Fernando da Rocha Peres, com a omissão de um fato e uma data: 1661 - Casamento em Lisboa com Michaela de Andrade.



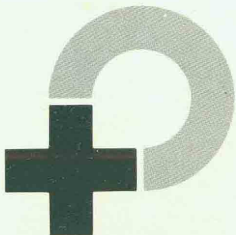
MÃE HILDA DA LIBERDADE, UMA VIDA DE FÉ E DEDICAÇÃO.



Olho gordo, espinhela caída, mau olhado e até mal de amor... Mãe Hilda sempre tem uma bênção, um banho de folha e uma oração pra tranquilizar o espírito e curar o corpo. Toda esta força é fruto de uma vida de fé e dedicação. É por isso que a Promédica a respeita tanto. Pois, embora tenham crenças diferentes, no fundo tanto a Promédica como Mãe Hilda dedicam suas existências à mesma causa: a preservação da saúde e do bem-estar do próximo.

E tudo que a Promédica é, hoje, também é resultado dessa dedicação à tudo aquilo em que acredita.

Mãe Hilda da Liberdade, Sauré!

Promédica 

Rompendo a barreira do tempo



Sonia Braga. Associada desde 1986.

© 1991, American Express do Brasil S.A. - Turismo. Todos os direitos são reservados.

*Ser Um Associado
Tem Seus Privilégios.®*



Não saia de casa sem ele.®

*Para informações,
ligue DDD gratuito (011) 800-5050
ou, em São Paulo, (011) 247-0966.*

Das
antennen

BARTENWALE

WALE

AMERICAN
EXPRESS

BARTENWALE

EXU

22

JADIR FREIRE

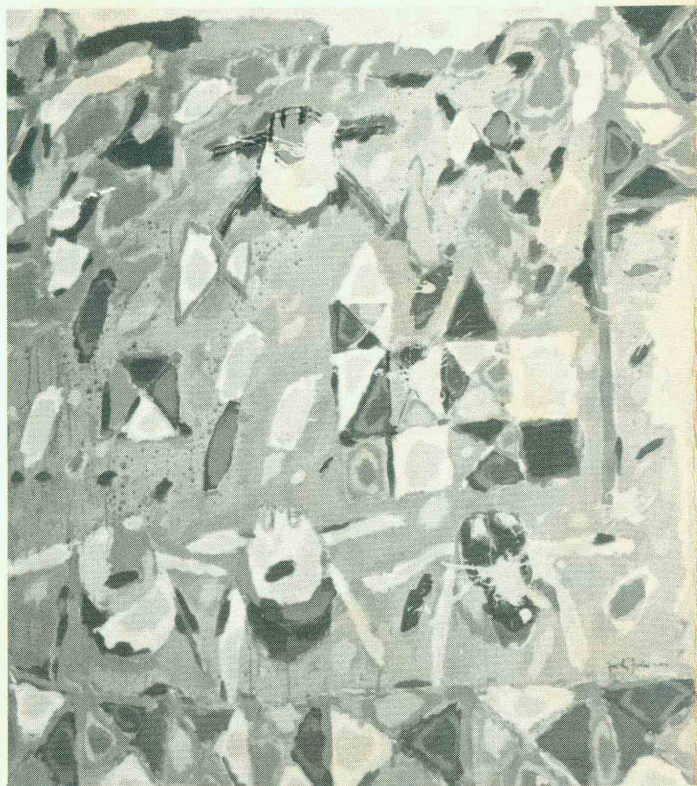


Fundação
Casa de Jorge Amado

A SUPERFÍCIE DA FANTASIA

ou Isto e Aquilo

Alguém. Muitos alguéns. Todos. Todos param diante. Um. Dois. Três. Quantos quadros? Estamos numa galeria e todos param diante de suas telas. Até aí um fato normal. Se alguém vai a uma exposição, o mínimo que irá fazer é ver os trabalhos que ali estão sendo mostrados. Só que chama atenção esta parada de todos. Ouço: alguém diz: são figuras. Logo outro alguém: são paisagens; e outro: há um não sei quê bem infantil; e outro: é tudo pura geometria; e outro: é um colorista; e outro: muito gestual; e outro: há um movimento, um ritmo; e outro: um carnaval de cores; e outro: um mergulho no inconsciente; e outro: um desenho do sonho; e outros, muitos, muitos outros param, dizem, afirmam diante de suas telas algum sentimento, ou mesmo o mais puro desejo de uma realidade. Mas uma coisa é certa: ninguém passa incólume por sua arte. É isto: sua arte suga de cada um de nós em cada frase, seja ela sobre uma exatidão da cor, o tempo da festa, o mistério, todas as palavras que por mais que sejam ditas não conseguem expressar sua pintura. É isto uma magia? Ou será arte de sua arte? Então, por que esta busca incessante de exigirmos uma marca, uma definição, quando temos todos os sentimentos e olhos e pele para vivermos a sua pintura? Mas há sempre um rótulo. Ou isto ou aquilo. É aí que me digo: preciso aprender o isto e o aquilo e o mais isto e o mais aquilo e o mais, o mais, o mais.



O começo de tudo é desconfiar do belo. Para que serve o belo? Um texto não é transportar simplesmente as suas certezas ou dúvidas ou alegrias ou tristezas ou etc., um texto é, pode ser, o ataque de frente à vida das pessoas afirmando residir aí o cerne de sua palavra, um guerrando a vida que se vive, um questionando a vida na sua permanente transformação, um falar da vida sem esta ser nunca uma evidência. Um texto não fotografa os fatos - filma as relações. Um texto não mostra, não explica, não formaliza. Um texto deve estar sempre transpondo a sua existência natural e concreta, consciente de que nenhuma ação, palavra, gesto, silêncio, estão isolados dentro de um texto. Todos eles fazem parte do espetáculo. Cada frase deve dar a clara imagem do todo, apesar de também deixar cair muita coisa num espaço sem cor entre linhas. Não há um texto difícil. Um texto vive somente de colocar-se isto e aquilo que não são falsos, mesmo o mal-estar sendo geral. O belo é não ser falso. Não se escreve para ler emoções, escreve-se e tem-se emoções. O começo de tudo é crer no belo.

Diante de suas telas, Jadir, um homem só é redimido pela paixão, digo que visto assim do alto mais a tenho como uma planta baixa do desejo de uma cidade que carrego em mim percorrendo uma imaginação de esquinas, cores de ruas - quem sabe uma Bahia no verão e sua luz amanhecendo pelas bandas de Itapuã. Mas, Jadir, um homem só é medido pela paixão, e posso vê-la agora, olho no olho, cara a cara, como um muro, grafite rasgando paredes, gritos a declarar um urbano arraigado de esquinas anônimas, luz neón, avenidas sem rumo, batons e delírio a rasgar bocas e mentes. Mas, Jadir, um homem só vive pela paixão, e seja o que for, suas telas, o gesto de sua mão imprimindo sobre o branco o arco-íris, são a superfície da fantasia. Sim, e isto é tudo, e tudo isto é muito bonito. Que viva, Jadir, a beleza.

Freire
Jadira

Representante brasileiro
na Bienal de São Paulo/91
e com atelier em Frankfurt,
Alemanha, Jadir Freire,
que nasceu em Salvador, Bahia,
começou a expor em 79,
tendo três anos depois ganho o
Prêmio Aquisição do Salão de Artes
Plásticas de Resende, RJ, e
em 84/85, os prêmios Cristóbal Colón,
Espanha; Aquisição da Fundação
Mokiti Okada, SP; Aquisição no Salão
Carioca, RJ e no XIII Salão
de Arte Contemporânea, SP.
Com mostras individuais freqüentes
em vários países e capitais
brasileiras, e muitas coletivas,
vale ressaltar sua presença na
V Bienal de Cali, Colômbia,
Desenho Brasileiro
Contemporâneo, Arte Brasil/Japão,
e Como vai você, geração 80?
no Parque Lage, Rio de Janeiro.

